



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Cláudia Patrícia Oliveira Matias do Vale

2º Ciclo de Estudos em Estudos Anglo-Americanos – Tradução Literária

“Atingir a Maioridade em Karhide” e “Amor Não-Escolhido” – Traduzir os mundos de
Ursula Le Guin

Orientador: Maria de Fátima Sousa Basto Vieira

Classificação: Ciclo de estudos:

Dissertação/relatório/Projeto/IPP:

Versão definitiva

Índice

Resumo/Abstract.....	3
Introdução.....	4
Parte I	
Os diferentes mundos de Ursula Le Guin	8
Traduções disponíveis das obras de Ursula Le Guin	14
O Conto – Breve enquadramento histórico e social	17
Parte II	
Desafios de tradução	22
Breve introdução à teoria de tradução.....	31
“Atingir a Maioridade em Karhide” e “Amor Não-Escolhido”: estratégias de tradução	36
Parte III	
Traduções	
“Atingir a Maioridade em Karhide”	46
“Amor Não-Escolhido”	66
Conclusão	86
Referências bibliográficas	87
Apêndice.....	90

Resumo

Esta dissertação de mestrado tem como objetivo a tradução de dois contos que fazem parte dos mundos criados pela escritora de ficção científica Ursula K. Le Guin e exposição dos desafios à tradução desses textos.

A dissertação encontra-se dividida em três partes. Na primeira parte, é feita uma introdução à vida e obra da escritora, incidindo-se em particular sobre o seu contributo para a ficção científica americana. É também oferecida uma análise das traduções de obras de Ursula Le Guin publicadas em Portugal, e feita uma breve análise da história do conto enquanto género literário.

A segunda parte abre com uma reflexão sobre os desafios de tradução, seguida da exposição das soluções encontradas à luz das teorias de tradução estudadas no âmbito da Especialização em Tradução Literária do Curso de Mestrado em Estudos Anglo-Americanos.

A terceira parte é constituída pela proposta de tradução dos contos "Coming of Age in Karhide" e "Unchosen Love".

Palavras-chave: Ursula Le Guin; tradução literária; ficção científica; neologismos.

Abstract

This MA dissertation has as its basis the translation of two short-stories included in the worlds created by the science fiction writer Ursula K. Le Guin. This work exposes the challenges encountered by translating those texts.

This dissertation is divided in three parts. In the first part, there is an introduction to the life and works of the writer, in particular, about her contribute to the american science fiction. It is also offered an analisys of the translations of Le Guin's works that were published in Portugal. It is done too a brief analisys on the history of the short-story as a literary genre. The second part opens a refletion about the translation challenges, followed by an exposure of the solutions that were found under the translation theories studied in the Masters Degree in Anglo-american Studies under the curricular branch in Literary Translation. The third part is formed by a translation proposal of "Coming of Age in Karhide" and "Unchosen Love".

Key-words: Ursula Le Guin; literary translation; science fiction; neologisms.

Introdução

Ursula K. Le Guin nasceu na Califórnia a 21 de Outubro de 1929 e desde os cinco anos que escreve histórias. Os seus pais eram ambos antropólogos e foi desde cedo que acompanhou e se inspirou no trabalho da mãe, que recriou e escreveu sobre o mundo Ishi, dos últimos índios nativos da América do norte. Le Guin cresceu com três irmãos que eram fãs de ficção científica e da revista *Amazing Stories*, para onde a escritora enviou o seu primeiro conto aos doze anos, mas que foi recusado. Estes dois fatores podem ter sido determinantes para a sua carreira, que se foca na criação de mundos de ficção científica. As suas primeiras obras foram contos do mundo *Orsinia*; porém, só em 1962 conseguiu vender profissionalmente, pela primeira vez, um trabalho seu: *April in Paris*. A partir dessa data, escreveu todo o tipo de textos: romances, contos, ensaios, histórias para crianças, poesia e crítica literária.

A emergência de Ursula Le Guin enquanto escritora, deu-se nos anos 60 no quadro da “Nova Onda” (New Wave), um movimento que se caracterizou pelo re-despertar dos britânicos para a ficção científica depois de esta ter sido “tomada” pelos americanos e pelas alterações deste género literário, tal como estava a acontecer na sociedade com o aparecimento dos *hippies*, do *rock n’ roll*, das drogas e do abandono de certos ideais. Testemunhou-se então uma transformação e abandono de temas muito usados e “massacrados” pelos escritores de ficção científica, tais como as naves espaciais e os alienígenas, que foram trocados por temas relacionados com sentimentos e experiência humana. É aqui que Ursula Le Guin entra, com os seus romances *Rocannon’s World* (1966), *Planet of Exile* (1966) e *City of Illusions* (1967) que são, segundo Susan M. Bernardo:

...are stories merging the British New Wave sentiment (...) and Le Guin’s anthropological interests into tales of loss, companionship, isolation, redemption, and love.

(Bernardo, 2006:16)

Neste enquadramento, o que talvez tenha marcado este estilo da autora, segundo Susan M. Bernardo e Graham J. Murphy (2006), terão sido os ensinamentos taoistas, cuja tradução Le Guin optou por fazer: *Lao Tzu: Tao Te Ching: A Book about the way and*

the Power of the Way. Foi um livro que a marcou, e que o seu pai lia quando ela era criança. Ainda segundo os mesmos autores, apesar de Le Guin não ter aderido a qualquer religião, os princípios taoistas de equilíbrio e procura do caminho para esse equilíbrio e harmonia com o universo estão presentes em muitas das suas obras. A própria admitiu numa entrevista simpatizar com a paz, o feminismo e o taoismo.

A escolha desta autora surgiu de uma sugestão da minha orientadora, a professora doutora Fátima Vieira. Eu procurava um texto que fosse desafiante e ao mesmo tempo bonito e merecedor de tamanha atenção, mas ficção científica nunca foi muito do meu agrado. Para além disso, tinha total desconhecimento do género.

Mas o que é, afinal, a ficção científica? Samuel R. Delany distingue ficção científica dos outros géneros literários com base na teoria de que toda a escrita tem uma ligação com a realidade: a “subjuntividade”. Assim, um texto jornalístico tem como “subjuntividade” *isto aconteceu*; a ficção realista tem como “subjuntividade” *isto poderia ter acontecido*; na fantasia, a “subjuntividade” é *isto nunca pode acontecer*; e por fim a da ficção científica: *isto não aconteceu*. Para mim, este último género baseava-se apenas em naves espaciais e coisas futuristas, mas as obras de Le Guin são muito mais do que isso.

Foi então que, depois de pesquisar sobre Ursula K. Le Guin e o que esta escreveu, percebi que era uma autora que valia muito a pena explorar. Tem uma vasta lista de textos publicados e prémios ganhos, entre eles vários prémios *Locus*, que advém de uma votação dos leitores da revista *Locus* e que serve também para orientar os votantes para o prémio Hugo. Ganhou também o galardão Nebula, prémio anualmente concedido pelo *Science Fiction and Fantasy Writers of America* às obras dos dois anos anteriores, sendo que consiste em não atribuir dinheiro, mas reconhecimento, e ainda um prémio Hugo, prémio anual para as melhores obras de ficção científica do ano anterior e que se constitui como uma homenagem ao fundador da revista *Amazing Stories*. Importa ainda referir uma nomeação para o prémio Pulitzer.

Enquanto procurava obras que ainda não tivessem sido traduzidas, deparei-me com *The Birthday of the World*, um conjunto de oito contos dos quais escolhi dois: “Coming of Age in Karhide” e “Unchosen Love”. São sem dúvida contos sublimes. Apenas li este livro e como queria traduzir contos, não hesitei em escolher dois.

Estes contos passam-se em planetas diferentes, mas dentro do mesmo universo: Hain. “Coming of Age in Karhide” é passado em Gethen e é similar à grande obra da autora, *The Left Hand of Darkness*, isto é, ambos são passados no mesmo planeta onde

as pessoas não têm género definido e mudam constantemente, ora sendo homens, ora mulheres. É um texto onde a narradora faz uma analepse e conta como foi a sua adolescência, especificamente a entrada na idade adulta com o *kemmer* e a sua primeira experiência sexual. O que se pode tirar das entrelinhas é que é um texto cheio de amor, compaixão e ternura. Fala-nos, acima de tudo e sem pudor, de relações entre seres, da beleza da vida e das experiências humanas. A vida é o que é e temos de aceitar o que somos, e neste conto, a androgenia é muito explorada através das personagens que nos mostram o seu sofrimento e experiência natural, particularmente no que respeita às mudanças do corpo. Sether, uma das personagens, revolta-se a certa altura contra a sua condição natural, não querendo ser como é. Mas a beleza deste texto é mostrar-nos a procura da felicidade e do bem-estar, aceitando e procurando o caminho que nos espera.

Quando li o conto pela primeira vez, associei algumas ocorrências à experiência feminina de “ser mulher pela primeira vez”. Visto que a autora se assume feminista, pode ter sido propositado ou não. Apesar de ser um conto de ficção científica, nada tem a ver com naves espaciais e alienígenas. É apenas sobre um outro povo, num outro planeta, um povo bastante diferente de nós em algumas coisas e semelhantes noutras. Le Guin criou todo um mundo novo e palavras novas, convidando-nos a explorar algo que não conhecemos. É uma forma de causar estranhamento no leitor e de não ser só um texto sobre mais do mesmo, sobre temas do dia-a-dia com que todos estamos familiarizados desde sempre. A própria escritora afirma:

These seven stories share a pattern: they exhibit in one way or another (...) people whose society differs from ours, even whose physiology differ from ours, but who feel the way we do. First to create difference – to stablish strangeness – then to let fiery arc of human emotion leap and close the gap (...).

(Ursula Le Guin, 2001)

No conto “Unchosen Love”, Le Guin descreve como as relações podem ser complicadas, começando pelo tipo de casamento do povo de O, o *sedoretu*, e acabando no domínio de um dos parceiros sobre o outro. O *sedoretu* é um casamento entre quatro pessoas, dois homens e duas mulheres, e cada um tem uma relação homossexual e

heterossexual com outros dois parceiros, deixando sempre um de fora. Complicado. Até para a própria autora:

I drew charts, with male and female symbols, and lines with arrows, very scientific. I needed those charts. I kept being confused.

(Ursula Le Guin, 2001)

Uma vez mais, encontramos aqui um texto muito humano, repleto de sentimentos. Trata-se de duas pessoas, um homem e uma mulher, que vivem na sombra da pessoa amada. São seres esmagados e oprimidos, que sofrem e se sujeitam a um *sedoretu* que não querem por insistência do seu companheiro dominante. É uma história muito sombria com bastantes alusões à noite, à névoa e até mesmo à morte, através de uma personagem que já não é humana.

Em suma, estes são dois textos com muito para explorar. São um desafio para qualquer tradutor devido ao ritmo e às palavras e mundos inventados e foram esses fatores que mais pesaram na minha escolha.

Parte I

Os diferentes mundos de Ursula K. Le Guin

Ursula criou as suas histórias baseadas em todo um conjunto de mundos e universos muito distintos e complexos que foi usando e reutilizando ao longo das suas obras. É a própria autora que nos dá conta da complexidade desse processo:

Inventing a universe is tough work. Jehovah took a sabbatical. Vishnu takes naps. Science-fiction universes are only tiny bits of word-worlds, but even so they take some thinking (...).

(Ursula Le Guin, 2001)

No caso dos textos por mim escolhidos para esta tradução, ambos se passam em mundos já criados anteriormente pela autora para outras histórias. “Coming of Age in Karhide” passa-se em *Gethen*, planeta que foi cenário do romance *The Left Hand of Darkness*, escrito quase trinta anos antes. Já o planeta de “Unchosen Love”, *O*, é também usado nos contos compilados em *A Fisherman of the Inland Sea*. Ursula Le Guin explica que esse reaproveitamento deriva de uma escolha consciente:

(...) and rather than think out a new universe for every story, a writer may keep coming back and using the same universe, sometimes till it gets a bit worn at the seams, softens up, feels natural, like an old shirt.

(Ursula Le Guin, 2001)

As obras de Le Guin são normalmente agrupadas não pela ordem de publicação, mas em função do universo em que as suas histórias se passam. Existem as obras do

Ecuménio, também chamado de Ciclo de Hain (nome que a autora rejeitou por considerar que estas histórias não formam um ciclo, muito menos cronológico, como os leitores têm tentado estabelecer):

People write me nice letters asking what order they ought to read my science fiction books in — the ones that are called the Hainish or Ekumen cycle or saga or something. The thing is, they aren't a cycle or a saga. They do not form a coherent history. There are some clear connections among them, yes, but also some extremely murky ones. And some great discontinuities (...).

(Ursula Le Guin, 2001)

Existem ainda as histórias de Terramar, um mundo de fantasia, magia e dragões, formado por várias ilhas e as obras que o compõem são seis: *A Wizard of Earthsea*, *The Tombs of Atuan*, *The Farthest Shore*, *Tehanu*, *Tales from Earthsea* e *The Other Wind*. Estes são os únicos que a autora admite terem uma ordem cronológica e ligação entre si, e essa ordem é esta em que acima dispus.

Quanto às histórias pertencentes ao *Ecuménio*, a lista é vasta e variada e a autora deixa em aberto a possibilidade de ainda escrever mais histórias sobre este universo, pois ele não tem forma nem fim. *The Telling*, *The Word for World Is Forest*, *The Dispossessed: An Ambiguous Utopia*, *The Left Hand of Darkness*, *City of Illusions*, *Planet of Exile*, *Rocannon's World* são os nomes dos romances que formam o Ciclo de Hain ou *Ecuménio*.

Hain é o planeta de origem de onde quase todos os povos descendem. O povo deste planeta é extremamente desenvolvido em termos tecnológicos e usou essa tecnologia para colonizar outros mundos, o que faz com que todos os planetas a ele estejam ligados. Contudo, *Hain*, com o passar do tempo, perdeu o contacto com as colónias e, numa tentativa de reaproximação, criou o *Ecuménio*. Este último caracteriza-se por ser um consórcio de mundos que se reúnem e têm como objetivo reunir

informação sobre outros mundos e civilizações. Tinha como base não ser directivo nem impor regras, mas acabou sempre por contrariar esses princípios.

Gethen e *O*, planetas onde se passam as histórias que escolhi, fazem parte do *Ecuménio*, de uma ou outra maneira. *Gethen*, também conhecido por *Winter* devido aos invernos rigorosos, é um planeta de pessoas sem género, que entram no *kemmer* uma vez por mês. Entrar no *kemmer* significa que o seu sexo se desenvolve para ser masculino ou feminino, aleatoriamente, nunca sendo sempre o mesmo. Le Guin criou este mundo para o conto “Winter’s King” e desenvolveu-o mais tarde em *The Left Hand of Darkness*. Quando escreveu “Coming of Age in Karhide” decidiu que haveria de explorar *Gethen* mais à vontade, explorando o seu povo e a sua cultura, algo que não tivera oportunidade de fazer anteriormente.

“Coming of Age in Karhide” é um conto onde a narradora, Sov, nos conta a sua história na primeira pessoa. Começa com uma breve introdução sobre a história da sua cidade, Rer, a mais antiga do mundo *Gethen*, e de Karhide, uma nação dentro desta cidade. Esta encontra-se dividida em *Clã-Lares*, *Hearths* no original, um edifício com vários andares onde vivem as famílias. No caso da narradora desta história, ela vive num *Clã-Lar* com a sua família, os Thade, sendo esta família bastante grande. Porém, apenas conhecemos a fundo um membro para além de Sov: o seu primo Sether. Este Clã é constituído exclusivamente por pessoas da família direta, maioritariamente mulheres¹, não havendo espaço para estranhos, ou seja, ninguém fica com o mesmo companheiro para sempre, nem são permitidos relacionamentos, o que leva a que as crianças não conheçam o seu pai. Em *The Left Hand of Darkness* este facto é explicado por uma das personagens: este clã é o único a não defender a monogamia. No texto, isto é bem explícito:

¹Embora as pessoas neste mundo não tenham género, ou só o tenham dois dias por mês e nem sempre é o mesmo, existe sempre uma distinção de género permanente. Umas personagens são referidas como mulheres, outra como homens.

If young people fell in love and started talking about keeping kemmer or making vows, Grandmother and the mothers were ruthless. 'Vowing kemmer, what do you think you are, some kind of noble? Some kind of fancy person? The kemmerhouse was good enough for me and it's good enough for you.'

(BW, 2002:4)²

Sov contraria, porém, um pouco este princípio da família e tem uma relação duradoura com o seu primo Sether, embora de facto nunca cheguem a comprometer-se unicamente um com o outro. Durante toda a trama, Sov conta a sua experiência enquanto jovem *getheniana* que não sabe lidar com o facto de ter dois sexos e de entrar na puberdade. Ela passa por vários episódios de dor, física e psicológica, e de descoberta, e sente-se mais próxima da mãe, da avó e, principalmente, de Sether. As duas primeiras são muito importantes no desenvolvimento psicológico da narradora, que se sente tratada como adulta e igual. Já Sether é aquele que contra-argumenta, aquele que mostra os “contras” de se ter dois sexos, de se ser escravo da natureza e do próprio corpo, a humilhação por que se passa. Contudo, Sov ultrapassa todos os medos e ignorância indo para o *Fastness* onde se descobre enquanto pessoa.

É já dentro da casa de *kemmer* que ela percebe o que é realmente estar no *kemmer*. À entrada são evidentes algum receio e desconfiança face ao desconhecido (característica natural do Homem). Não sabe para onde se dirigir e o que fazer, sentindo-se desprotegida e envergonhada. Finalmente, uma rapariga ajuda-a a desinibir-se, e, a partir daí, tudo se desenvolve naturalmente. Sov tem várias relações nesse dia, hétero e homossexuais, e acaba a conversar com a rapariga que a ajudara, ambas nuas e cansadas. Assim que sai de lá, conta a Sether que o *kemmer* não é nada parecido com o que pensavam que era: sujo, desumano e anti-natura. A história acaba com a resolução da trama: Sov é agora uma pessoa feliz que descobriu finalmente o que queria fazer da vida e partilha um grande amor com Sether.

Percebemos enfim que estas pessoas são o que podemos chamar de alienígenas, diferentes de nós, biologicamente, que vivem num outro mundo. Mas são, no fundo,

² *Birthday of the World*. Doravante, todas as referências a esta obra serão feitas através da sigla BW.

peessoas como nós, diferentes fisicamente, mas iguais nos ideais e sentimentos. Têm medos, receios, princípios. Procuram a felicidade e o amor, procuram o seu lugar no mundo. Tal como todos nós.

Partindo destas semelhanças, passo ao planeta *O* onde, mais uma vez, a história anda à volta do amor, da descoberta e das diferenças. Neste planeta, as relações maritais envolvem quatro pessoas ou mais, e isso nem sempre é fácil. O *sedoretu*, assim se chama o casamento, consiste em juntar quatro pessoas: um homem e uma mulher da Tarde com um homem e uma mulher da Manhã. São todos bissexuais e não podem ter relações com alguém da mesma metade, isto é, as pessoas da Tarde são todas parentes entre si e as da Manhã também, logo uma relação resultaria em incesto. Posto isto, num casamento a quatro só se tem relações com duas das pessoas, o homem e a mulher da metade oposta. A história começa com uma introdução sobre este tipo de sociedade de *O*, narrado na primeira pessoa por Heokad'd Arhe, que nada tem a ver com a trama em si. Trata-se apenas de um habitante deste planeta que tenta introduzir e explicar a complexidade em que o seu mundo vive. Esta complexidade é vista de forma muito estranha pelos povos dos outros planetas, como os *gethenianos*, por exemplo.

Depois desta introdução, a história começa com Hadri, um homem do interior que vem ao litoral e conhece Suord. É amor à primeira vista. Mas o que tinha tudo para ser uma linda história de amor transforma-se, ao longo do texto, num relacionamento pesado, sombrio, sufocante.

Suord decide levar Hadri para a casa onde vive com (novamente, como em “Coming of Age in Karhide”) a sua numerosa família, em Meruo. Vivem todos do que o mar e o rio dão, estão todos relacionados genealogicamente e não estão muito recetivos à chegada de Hadri. Em Meruo, dada a ligação familiar, têm todos as mesmas características físicas, o que leva a que Hadri nunca consiga distinguir as mulheres, que nunca lhe dirigem a palavra. São arrogantes e fechadas, e Hadri tem bastante dificuldade em adaptar-se. Suord insiste, porém, para que formem um *sedoretu* com duas delas, mas Hadri fica relutante. Não as conhece e elas não gostam dele nem o aceitam. Hadri não se sente feliz, apenas pressionado a fazer algo que não quer, e Suord começa a arranjar potenciais parceiras para o casamento sem o seu consentimento. Hadri sente-se cada vez mais sufocado e pressionado, pois não quer casar-se com uma

mulher escolhida por Suord, só para poder estar com ele, visto que só se podem casar se tiverem duas mulheres de metades diferentes da sua.

Uma noite, Hadri vagueia pela casa e encontra um caminho que vai dar ao telhado. Lá em cima, encontra uma mulher misteriosa, a única daquela casa que fala com ele, o aceita e compreende, mas que nunca revela o rosto. Durante as noites em que contemplam o mar, a neblina e a beleza da noite, conversam, e Hadri conta-lhe as suas angústias e aventuras com Suord. A tal mulher, An'nad, encoraja-o a libertar-se, a agir por sua vontade e a não fazer tudo à maneira de Suord. Hadri sente que tem ali uma verdadeira amiga e enche-se de coragem para acabar com esta situação. Vai ao encontro de Dunn, com quem se deveria casar, e que também sofre numa relação abusiva e controladora e cuja companheira, Sasni, combinara o casamento com Suord sem a consultar. Ambos decidem, então, enfrentar os companheiros, mas o amor vence e o *sedoretu* realiza-se entre os quatro. Dunn, que antes renegava Hadri, acaba a história num amanhecer na cama com ele, felizes e resolvidos. Suord e Sasni continuam com o seu feitio impositivo e controlador de quem quer tudo à sua maneira, mas Hadri e Dunn aprenderam a lidar e a ignorar em prol do amor.

Traduções disponíveis das obras de Ursula le Guin

Traduções para português de obras de Ursula Le Guin.

Existem várias obras de Ursula que foram traduzidas para a língua portuguesa. Serão aqui tidas em conta apenas as que foram traduzidas para português europeu. Um destes romances, *Lavínia*, foi recomendado pelo Plano Nacional de Leitura para a formação de adultos.

- *The Compass Rose*
Rosa dos Ventos. Trad. Maria Teresa da Costa Pinto Pereira. Europa-América. 1986
- *The Farthest Shore*
O Outro lado do mundo. Trad. Eurico Fonseca. Livros do Brasil. 1981.
A Praia Mais Longínqua. Trad. Carlos Grifo Babo. Presença. 2001.
- *The Thombs of Atuan*
Os Túmulos de Atuan. Trad. Eurico Fonseca. Livros do Brasil. 1981.
Os Túmulos de Atuan. Trad. Carlos Grifo Babo. Presença. 2002.
- *A Wizard of Earthsea*
O Feiticeiro de Terramar. Trad. Eurico Fonseca. Livros do Brasil. 1980.
O Feiticeiro e a Sombra. Trad. Carlos Grifo Babo. Presença. 2001. (Tradução reeditada em 2002 e 2005)
- *The Dispossessed*
Os Despojados: Uma Utopia Ambígua. Trad. Maria Freire da Cruz. Europa-América. 1983.

- *The Word for World is Forest*
Floresta é o Nome do Mundo. Trad. J. Teixeira de Aguiar. Europa-América. 1972.
- *Very Far Away From Anywhere Else*
Tão Longe de Sítio Nenhum. Trad. Maria da Piedade Pereira. Fragmentos. 1987.
(Tradução reeditada em 1993)
- *The Lathe of Heaven*
Do Outro Lado do Sonho. Trad. Maria Amélia Silva. Edições 70. 1991.
O Tormento dos Céus. Trad. Carlos Grifo Babo. Presença. 2004.
- *Tehanu*
Tehanu: O Nome da Estrela. Trad. Carlos Grifo Babo. Presença. 2002.
- *The Left Hand of Darkness*
A Mão Esquerda das Trevas. Trad. Fátima Andrade. Presença. 2003.
- *Four Ways to Forgiveness*
O Dia do Perdão. Trad. Carlos Grifo Babo. Multitipo. 2004.
- *Lavinia*
Lavínia. Trad. Maria do Rosário Monteiro. Presença. 2010.
- *The Other Wind*
Num Vento Diferente. Trad. Ana Saldanha. Presença. 2005.

Partindo de três títulos, *The Farthest Shore*, *A Wizard of Earthsea* e *The Lathe of Heaven*, considero que os tradutores não tiveram em conta o trabalho uns dos outros. Parto do princípio de que a diferença em relação à tradução dos títulos se deva à distância cronológica entre as traduções. Há também a possibilidade de a razão se prender com a diferença de editoras. Tendo isto em conta, os tradutores da edição posterior não seguiram as opções tomadas pelo tradutor anterior e por isso usaram apenas escolhas suas. No que respeita ao meu trabalho, tive em conta a tradução da obra *The Left Hand of Darkness*. Utilizei algumas das soluções que a tradutora portuguesa desta obra escolheu, mas rejeitei outras completamente. Mais à frente nesta dissertação, exporei as minhas razões.

O Conto – Breve enquadramento histórico e social

A story is not like a road to follow ... it's more like a house. You go inside and stay there for a while, wandering back and forth and settling where you like and discovering how the room and corridors relate to each other, how the world outside is altered by being viewed from these windows. And you, the visitor, the reader, are altered as well by being in this enclosed space, whether it is ample and easy or full of crooked turns, or sparsely or opulently furnished. You can go back again and again, and the house, the story, always contains more than you saw the last time. It also has a sturdy sense of itself of being built out of its own necessity, not just to shelter or beguile you.

(Alice Munro, 2013)

É assim que a vencedora do prémio Nobel da literatura em 2013, Alice Munro, define o género literário que caracteriza a sua obra. Pela primeira vez na História, a academia de prémios mais importante do mundo escolheu, em 2013, uma contista canadiana para galardoar com o prémio da literatura, dando assim, o reconhecimento merecido a este género literário.

Já Edgar Allan Poe defendia que um texto deveria ser curto o suficiente para se ler de uma assentada, caso contrário perder-se-ia o efeito com a interferência do mundo.

O conto é, de facto, um texto curto e pouco desenvolvido em descrições e personagens, com poucas alterações de tempo e espaço pouco. A ação desenvolve-se lentamente e as personagens pouco ou nada evoluem. O conto centra-se sempre num só tema ou numa personagem e desenvolve-se à sua volta, nunca extrapolando ou desviando do assunto principal, primando assim pela objetividade. Os pormenores são deixados de lado, pois o autor tem de medir bem as palavras e basear-se num único evento e efeito. Num texto curto não há espaço para rodeios.

May (2002:1) defende que o conto tem uma origem tão antiga quanto o mito, que expressa o sentido das coisas contando uma história. O conto começou com

pequenas percepções que, conjugadas e conceptualizadas numa forma narrativa, deram origem ao que conhecemos como novela. Na verdade, a novela no séc. XIII era representada em vários contos e tinha propósitos moralistas (May, 2002:2). No séc. XV, o conto passou de poesia a prosa e de moralista a entretenimento, mas as marcas do sobrenatural e folclore continuaram a caracterizar este estilo, mesmo à medida que se ia dando mais um pouco de atenção aos temas da sociedade.

Segundo o *Oxford English Dictionary*, a primeira referência ao termo “short story” foi feita em 1877, embora não tenha sido muito utilizado até ao início do séc. XX (Paul March-Russel, 2009:1;2). É quase impossível estabelecer-se uma data exata e precisa para o aparecimento do conto, visto que a estrutura que hoje lhe conhecemos não é a mesma de há uns séculos, o que indica uma derivação e evolução deste género ao longo do tempo. O que é quase certo acerca do conto é que tem origem na oralidade. As histórias passavam de boca em boca nas classes inferiores que não sabiam ler nem escrever e tinham sempre uma base moral.

Segundo Paul March-Russel (2009:3-11), este género literário foi-se desenvolvendo a partir de outros tipos de texto, importantes para percebermos a atração artística do conto:

- A parábola e a fábula: têm como objetivo dar instruções ao leitor de como proceder moral e religiosamente; a única diferença entre as duas é que a fábula inclui como personagens animais com características humanas.
- O mito da criação: uma espécie de parábola religiosa cuja base é fazer acreditar que os eventos descritos sobre a criação do mundo são reais, respondendo à eterna e intrínseca pergunta do ser humano: a sua origem.
- A novela: pauta-se por ser um romance curto.
- Os contos de fadas: histórias imaginárias usualmente escritas para crianças e sempre com aspetos da vida doméstica.
- Os contos-Arte: contos escritos com o propósito de serem artísticos ou políticos; preenchem o espaço entre os contos populares e o conto moderno.

Boccaccio teve um papel importante no desenvolvimento do conto e no seu abandono gradual de temas religiosos e moralistas, optando por temas profanos cujo

objetivo era apenas o entretenimento. Os especialistas defendem que a obra *Decameron* marca uma viragem para um mundo profano de um mundo religioso retratado por Dante (May, 2002:3).

A transformação subsequente do conto dá-se com escritores como Cervantes e outros europeus que, mesmo sob a influência da escrita de Boccaccio, abandonaram as lendas tradicionais como base dos contos e focaram-se mais em serem realistas e na observação e contacto com o real. Esta gradual transformação e interesse pela *vraisemblance* (May, 2002:3) foi tendo continuidade pelo século XVII em Inglaterra, muito por influência francesa, e pelo séc. XVIII na Alemanha, por grandes nomes como Goethe, através da *novelle*.

Contudo, o conto continuou “agarrado” às suas raízes mitológicas e esta característica foi bem acentuada até ao séc. XIX. É aqui que este género literário sofre mais uma grande alteração. Em França, registou-se um novo tipo de aproximação à personagem: é dado enfoque ao seu interior, à dimensão psicológica e às alucinações, e o cerne do texto passa a ser constituído pelas reacções das personagens aos acontecimentos, em detrimento de se apresentar apenas como um relato de uma sucessão de eventos. Nos Estados Unidos, este aspeto dos contos também se desenvolveu através, por exemplo, de Poe, que deu a conhecer ao leitor os delírios das personagens e o seu ponto de vista, que não era o real.

Foi então que, no séc. XIX, num enquadramento de literacia mais abrangente, e com o desenvolvimento da imprensa proporcionado pela revolução industrial, se observou um aumento significativo da procura por romances e contos. As publicações de pequenas histórias eram feitas também nos jornais e revistas e ilustravam aspetos da vida do dia-a-dia que eram familiares às pessoas. Foi neste período que o conto começou a definir-se enquanto género literário e a ser reconhecido em pleno e apreciado. Russel resume a evolução e importância do conto da seguinte forma:

The neologism of the ‘short story’ signifies a redefinition of literature towards the end of the nineteenth century; how it is produced, received and consumed. Consequently, the making of the short story acts as an index to the invention of modern fiction and its relationship to changing social, economic and cultural contexts.

(Russel, 2009:1)

Contudo, na viragem para o séc. XX, Chekhov revoluciona o conto e influencia outros escritores com o seu realismo e eventos do dia-a-dia. O seu estilo passava por não ter uma estrutura definida nem seguir os cânones do conto tradicional. Os escritores de contos aumentavam cada vez mais em número, pois as revistas exigiam mais e melhor, e a recompensa era apelativa. Foi assim que os temas do conto se foram desenvolvendo e a originalidade vinda da competição entre escritores deu origem a policiais, contos minimalistas e incisivos, ficção científica e mistérios.

A ficção científica acentua-se no séc. XX, embora haja quem defenda que Poe terá sido um dos pioneiros neste género (May, 2002). Em 1926 foi publicada pela primeira vez a revista *Amazing Stories*, editada por Hugo Gernsback³, que publicava contos de “cientificção”, mas antes, ainda no séc. XIX, este género, intitulado por alguns em Inglaterra de romance científico, já começara a ser explorado por Verne ou Poe. Gernsback criou esta revista na falta de revistas específicas para o género e incentivou os seus leitores a criarem um futuro através das histórias. A intenção, no fundo, era abrir as mentes dos leitores para novos mundos e novas percepções.

Já a meio do século XX, o movimento “New Wave” trouxe revolução ao género e Moorcock, editor da revista britânica *New Worlds*, clamava por mudanças e aberturas do género. Pedia-se menos naves espaciais e alienígenas, o básico, e mais complexidade e psicologia.

Segundo Andy Sawyer, a essência do conto de ficção científica reside em três aspetos: estranhamento, especulação e extrapolação (2011). Le Guin consegue criar no leitor uma sensação de estranhamento quando nos dá a conhecer sociedades que nada têm a ver com a nossa ou pessoas que, apesar de parecidas connosco, não somos nós. Isto provoca no leitor um fascínio pela novidade e pelo estranho, algo a que Sawyer chama “sense of wonder (2001:99).

Percebe-se que o conto tem uma história bastante complexa e que tem sofrido com as alterações e redefinições. Foi sempre um estilo bastante marginalizado, sendo a

³Mais tarde deu nome a um prémio que galardoa as melhores obras de ficção científica do ano anterior.

poesia ou romance considerados géneros superiores. Um contista sempre teve e tem mais dificuldade em publicar as suas obras e em obter reconhecimento.

Em 2013, o prémio Nobel da Literatura foi atribuído a uma contista. Este facto marca o reconhecimento merecido ao fim de tantos séculos de bons autores de maravilhosas histórias que foram esquecidos, ignorados ou subestimados.

Parte II

Desafios de tradução

O principal desafio com que me deparei na tradução destes textos foi a utilização de neologismos, ou palavras inventadas, por parte da autora. Este desafio pode ser desmontado em algumas questões: deverei traduzir as palavras, sendo eu a criar neologismos em português ou deverei manter as palavras como na língua de partida? Deverei utilizar as palavras da língua de partida, “aportuguesando-as”? Serão estas palavras reconhecidas pelo leitor da língua de partida, sendo parecidas ou criadas a partir de uma palavra já existente no léxico inglês? Tentarei, nesta parte da dissertação, responder a estas questões.

Um neologismo pode ter várias origens. Pode ser uma palavra nova totalmente inventada, uma palavra antiga que ganhe um novo significado, uma palavra nova, mas com derivação de uma já existente ou uma palavra adoptada de outra língua, chamada também de empréstimo.

O neologismo é criado durante a produção textual pela necessidade de se nomear um facto, evento ou objecto estranhos ou desconhecidos e que, portanto, não têm nome. Serve um propósito específico, e a sua aplicação é condicionada pelo contexto. Existem neologismos, como os que encontrei nestes textos, que são exclusivos de um autor e que não têm tendência para evoluir e fazer parte do léxico de uma língua. (Štekauer, 2002)

Segundo Štekauer (2002) e a teoria das Regras de Formação de Palavras, o processo de formação de palavras começa com o sujeito, que quer criar a palavra, a percorrer o seu léxico linguístico. Daqui, gera-se um de dois processos:

1. O sujeito cria uma palavra totalmente nova, que nada tem a ver com outra já criada e adquirida na sua língua de origem.
2. O sujeito encontra no seu léxico uma unidade de nomeação, e, com base nesta, cria uma palavra.

Este processo tem origem na psicolinguística, que assenta numa teoria de uma rede de léxico mental, uma rede no nosso cérebro onde estão armazenadas e interligadas

todas as palavras que conhecemos e às quais podemos aceder quando quisermos. (Schmid, 2008). Ainda segundo o mesmo autor, daí advém o conceito de *hipostatização*, ou seja, a ideia de que uma palavra está ligada a um conceito e que a existência de uma palavra significa que há uma entidade à qual corresponde:

The formulator maps this preverbal message onto a linguistic representation, first accessing and retrieving lemmas (i. e. semantic and syntactic information of the words activated) and then, in a second step, retrieving their phonological form. Essentially, then, we can distinguish the three phases of concept activation, lexical access and lexical retrieval. The phases relevant for the study of nonce-formations are conceptualization and access to the mental lexicon. Since the preverbal message outputted by the conceptualizer contains a syntactic frame and concepts, we have to assume that the speaker already has an idea of the type of concept to be expressed. (...) By definition, lexical access for nonce-formations cannot target an entry in the mental lexicon, so the most likely path will lead to the morphological, semantic and syntactic properties of the entries of the roots and affixes to be combined.

(Schmid, 2008:14)

Schmid (2008) afirma que quando um ouvinte ou leitor se depara com um termo novo e desconhecido, tem de confiar nas suas interpretações analíticas, visto que procurar uma correspondência no seu léxico mental será inútil. Esta interpretação sustém-se em três ferramentas de informação:

- O significado dos constituintes da palavra
- O conhecimento por parte do ouvinte ou leitor das regras de formação de palavras e os seus significados gerais
- Informação relevante retirada do contexto

Ainda segundo Schmid (2008), o ouvinte ou leitor irá, então, recorrer e usar em conjunto todas as ferramentas que tem ao seu dispor para criar uma interpretação aceitável. A partir daí, criará uma imagem mental do objeto ou situação. A rapidez com que a pessoa vai identificar estes neologismos dependerá de alguns fatores, tais como:

- A quantidade e qualidade da informação dada pelo contexto, co-texto e informação extra-linguística.
- A familiaridade do ouvinte ou leitor com os constituintes da palavra.
- A frequência de ocorrência dos constituintes da palavra, ou seja, se aquela forma já foi utilizada em outros textos.

No caso dos textos que traduzi, os neologismos encontrados foram criados das mais variadas formas, uns por prefixação, outros a partir de palavras já existentes a que se atribuíram novos significados, tendo-se registado ainda palavras criadas totalmente a partir da imaginação da autora.

Para alguém que escreve romances ou histórias, a imaginação é uma ferramenta fundamental. Na minha opinião, quem escreve ficção científica faz um esforço acrescido no que toca a produzir cenários, nomes e personagens. Tudo se passa num mundo que não é o nosso, no desconhecido. Assim, quem escreve ficção científica tem de ir muito além do que é o nosso mundo, a nossa sociedade, as nossas cidades e até mesmo as pessoas que conhecemos. Ursula Le Guin fez um excelente trabalho e uso da sua imaginação quando escreveu as suas obras. *The Left Hand of Darkness* foi um sucesso e, provavelmente, a melhor obra da autora. Ganhou vários prémios importantes da área da ficção científica e o seu sucesso deve-se, em grande parte, aos neologismos e àquilo que representam.

Embora no conto “Unchosen Love” se encontrem palavras inventadas, no texto “Coming of Age in Karhide” a utilização de neologismos é mais acentuada. Assim, em ambos os contos, encontrei as seguintes palavras: Adept, baro, clitopenis, Dark-of-the-Mooners, Ebbeche, Ekumen, Fastness, Handdara, hearthsib, hieb, Indweller, kemmer, ki’O, Mobile, mothersib, pesthry, offworld, remma, sedoretu, serem, Shifgrethor, snowghoul, somer, Thorharmen, Unking, Unpalace, Untrance, wombsib, yama.

Analisando estas palavras, pode-se dividi-las em quatro grupos:

1. Palavras inventadas a partir apenas da imaginação da autora.
2. Palavras inventadas a partir de outras já existentes.
3. Palavras que já existiam, mas a que foi atribuído um novo significado.
4. Palavras inventadas, mas que, pela sua sonoridade ou grafia, o leitor anglófono é capaz de reconhecer.

Agrupando estes termos, teremos os seguintes grupos:

- baro, Ebbeche, Ekumen, Handdara, hieb, kemmer, ki'O, pesthry, remma, sedoretu, serem, Shifgrethor, somer, Thorharmen e yama pertencem ao grupo 1.
- clitopenis, hearthsib, mothersib, offworld, snowghoul, Unking, Unpalace, Untrance e wombsib cabem no grupo 2.
- Adept, Fastness, Hearth, Indweller e Mobile, agrupam-se segundo o conjunto 3.
- Dark-of-the-Mooners inclui-se no grupo 4.

O terceiro e quarto grupos são ambíguos, na medida em que as palavras do grupo 3 também se encaixam no grupo 4, mas não o contrário. Por outras palavras, um nativo anglófono reconhece as palavras do grupo 3, mas, no contexto dos contos, o mesmo não se passa com o seu significado. Porém, como será explicado mais à frente, a autora baseia-se nos significados intrínsecos das palavras que o leitor reconhece para criar outros significados para as mesmas palavras.

Quanto ao grupo 1, como foi já explicado mais acima, a autora necessitava de termos que denominassem ideias concebidas por ela e para as quais, obviamente, não existiam designações. Le Guin decidiu criar livremente palavras que achou adequadas àquilo que estava a criar.

O grupo 2 apresenta características mais complicadas. Os termos *Unking*, *Unpalace* e *Untrance* são palavras criadas a partir da afixação (neste caso, adicionando o prefixo –un à base). Embora este prefixo seja definido gramaticalmente como sendo de negação, neste contexto ele é apenas utilizado para criar uma nova palavra, não havendo prova no texto de que a autora quisesse formar uma negação das palavras *king*,

palace ou *trance*. Adicionar este prefixo não altera a categoria das palavras, continuando estes assim a ser nomes, tanto comuns como próprios. Quanto a *clitopenis*, a palavra é composta por dois radicais separados por uma vogal de ligação. A vogal é independente e serve apenas de fronteira entre os dois radicais, podendo também remeter para a função de conjunção disjuntiva “or” / “ou”:

[clit] o [penis]

Esta estrutura utilizada pela escritora cria uma ideia de dualidade de género.

Os substantivos *heartsib*, *mothersib* e *wombsib* partilham características de formação com *offworld* e *snowghoul*. São palavras compostas por duas bases, mas que pertencem a grupos diferentes. As três primeiras são, juntamente com *snowghoul*, palavras formadas a partir de justaposição: juntam-se duas palavras, sendo que a primeira funciona como o adjetivo que caracteriza a segunda.

Hearth + Sib = Heartsib / Clã + Irmão = Irmão de Clã

Mother + Sib = Mothersib / Mãe + Irmão = Irmão da Mãe

Womb + Sib = Wombsib / Útero + Irmão = Irmão Uterino

Snow + Ghoul = Snowghoul / Neve + Demónio = Demónio da Neve

Offworld, apesar de ter a mesma base de formação,

Off + World = Offworld / Fora + Mundo = Fora do Mundo

tem outra categoria gramatical que nos é dada apenas pelo contexto.

“...they took our young king offworld to foil a plot...”

(BW, 2002:2)

Traduzindo para português, dei a *offworld* a categoria de complemento circunstancial de lugar:

“...levaram o nosso jovem rei para fora do mundo para sabotar um plano...”

Ao contrário dos outros vocábulos semelhantes a este pela formação, *offworld* não caracteriza uma personagem nem lhe atribui qualidades. Esta palavra designa um espaço

físico indefinido, sendo a informação relevante que esse espaço é fora do mundo onde se passa a história.

No grupo 3, agrupei as palavras que já existiam no léxico inglês, mas que Le Guin utilizou dando-lhes um novo significado. Mais uma vez, apenas o contexto consegue dar informações ao leitor sobre a utilização que está a ser dada a estas palavras. *Adept* foi redefinida para significar alguém que pertence à religião *Handdara* e que é praticante e conhecedor de todas as disciplinas, o que se pode comparar ao padre da religião católica. Percebemos que está relacionada com o significado no dicionário, o de ser perito em algo, embora nestes textos tenha um sentido mais específico e restrito, inscrevendo-se na esfera de um perito ou muito sabedor da religião. *Fastness* também partilha uma definição com o dicionário, na medida em que a autora utiliza esta palavra para nomear um lugar remoto e longínquo, protegido e imperturbável, para onde os praticantes da religião *Handdara* se dirigem para meditar durante alguns dias ou viver lá para sempre, segundo as disciplinas. Conforme o dicionário *Oxford Advanced Learner's Dictionary*, uma das definições de *Fastness* é a de ser um lugar fortificado e seguro, logo, na minha perspectiva, Le Guin baseia-se nesta definição utilizando a palavra para nomear um sítio com essas características. Na minha interpretação, este é um local de culto como uma igreja, convento ou mosteiro. É um sítio de paz e de encontro espiritual com o “eu” e os outros. O mesmo se passa com o termo *Mobile* cujo significado apenas se retira lendo *The Left Hand of Darkness*. Um *Mobile* é uma pessoa enviada pelo *Ekumen* para ir de planeta em planeta e contactar e estudar os povos. Mais uma vez, a escritora aproveita o significado original da palavra, que é ser móvel, algo que se movimenta, e atribui a palavra a um ser com essas características. Passo por último, à palavra *Indweller* que, segundo o dicionário online *The Free Dictionary* significa duas coisas:

1. “To exist as an animating or divine inner spirit, force, or principle.”
2. “To be located or implanted inside something.”

Ursula Le Guin pega nestas duas definições e junta-as para designar algo por si criado. Um *Indweller* é um termo usado no texto para designar alguém que vive retirado no *Fastness* e segue as doutrinas da religião e pode, ou não, ser aspirante a *Adept*.

Por último, *Dark-of-the-mooners*, do grupo 4, é uma expressão que vem no texto no seguimento de *be on the same moontime*. Não foi fácil entender o que a autora queria

dizer com estas expressões, mas cheguei à conclusão de que teria a ver com as fases da lua, sendo que a face negra da lua é também considerada naquele planeta. Assim sendo, e comparando, por exemplo, o lado escuro da lua à lua cheia ou lua nova,

Dark-of-the-mooners é um nome que caracteriza alguém que entrará no *kemmer* durante o lado negro da lua. A formação desta palavra passa pela hifenização de nomes comuns, acrescentando o sufixo –er de adjectivação, seguido do morfema –s que indica o plural. Segundo a gramática inglesa *A Grammar of Contemporary English* (1992:973), o sufixo –er indica que o sujeito tem a característica que vem antes deste sufixo.

Percebe-se então que os neologismos acima referidos apresentam diversos fenómenos de formação. A escritora recorre a várias técnicas de formação de palavras para designar ideias concebidas na sua imaginação e que não têm ainda um significado atribuído, pois são ideias originais, criadas no momento da escrita e nunca antes utilizadas ou conhecidas. Contudo, existe ainda a situação de Le Guin criar palavras novas para designar algo já existente (ex. *mothersib* = aunt) apenas com o intuito de criar estranhamento no leitor.

Neste enquadramento, deverão as palavras inventadas por Le Guin ser traduzidas ou mantidas na língua de origem? Peter Newmark (1988) defende que, durante o ato de tradução, todo e qualquer neologismo deve ser recriado na língua de chegada e que o tradutor deve utilizar o que há de fora de vulgar na palavra e reproduzir essa particularidade na língua de chegada. Newmark defende também que o procedimento seja o de o tradutor procurar fonemas na língua de chegada que tenham o efeito correspondente:

In principle, in fiction, any kind of neologism should be recreated; if it is a derived word it should be replaced by the same or equivalent morphemes; if it is also phonaesthetic, it should be given phonemes producing analogous sound effects.

(Newmark, 1998: 143)

Vemos esse exemplo numa tradução em espanhol de *The Left Hand of Darkness* onde, por exemplo, o tradutor Francisco Abelenda (2002) adapta a palavra de origem *pesthry*

para *pesdri*. Ele altera o morfema inexistente em castelhano –th para o mais semelhante existente na sua língua, o –d, assim como retira a letra –y para substituir por –i. Contudo, o mesmo não se passa na única tradução portuguesa da mesma obra. Fátima Andrade (2003) optou por não traduzir nenhum neologismo, tendo optado antes por deixar as palavras como são originalmente e escrevendo-as em itálico. Porém, Andrade traduziu os neologismos do grupo 3 acima referido, aqueles derivados de palavras já existentes, mas a que foi imputado um novo significado, assim como os do grupo 2. Como mostrarei mais à frente, embora não concorde com este último procedimento, preferi adoptá-lo em prol de uma coerência co-textual.

Entretanto, outra pergunta se impõe: será o procedimento de Newmark o mais acertado ou deverei tentar criar uma palavra nova na língua de chegada de acordo com o significado do neologismo? Para exemplificar, vou usar de novo a palavra *pesthry*.

Para Newmark, o mais acertado seria traduzir a palavra “aportuguesando-a”, ou seja, substituindo os fonemas estrangeiros por portugueses, como fez o tradutor castelhano. Porém, questiono-me se não seria também correto reunir a definição de *pesthry* e criar um neologismo diferente na morfologia e na fonologia.

Para ser mais precisa, *pesthry* foi criado para definir um animal peludo e de pequeno porte que procria bastante e que é caçado pela sua carne e pele. Sendo estas características semelhantes às de um coelho, eu teria a opção de criar um neologismo a partir da palavra “coelho”. Se eu optasse por esta solução, a de aproximar o texto de partida à cultura de chegada, o leitor da tradução não teria uma sensação de estranhamento igual à do leitor do texto original e iria facilmente reconhecer o tipo de animal a que eu me referiria. Posto isto, outra questão me assalta: se o leitor do texto original não reconhece a palavra *pesthry* e não a consegue associar imediatamente a um animal sem a ajuda do contexto, por que há-de o leitor da tradução conseguir fazê-lo?

A teoria da transparência de Lawrence Venuti (2004:1) denuncia a domesticação e consequente invisibilidade do tradutor que, segundo essa teoria, adapta o texto de origem à cultura de chegada, eliminando quaisquer vestígios da língua de origem que causem estranhamento. Este procedimento conservador de domesticação acaba por fazer com que o leitor não se aperceba de que está a ler uma tradução e pensar que está a ler um texto original. O tradutor torna-se consequentemente invisível. Contudo, Venuti, defensor do reconhecimento que, na sua perspectiva, todos os tradutores merecem, propõe a *estrangeirização* por oposição à domesticação. Ele defende que a tradução

deve ter presentes as características da língua de partida para que o leitor da tradução tenha uma aproximação ao texto original e a uma cultura diferente. A opinião de Venuti vai em sentido contrário à de Peter Newmark, que defende que um dos métodos de tradução seja aquilo a que chama uma “tradução fiel”:

A faithful translation attempts to reproduce the precise contextual meaning of the original within the constraints of the TL grammatical structures. It 'transfers' cultural words and preserves the degree of grammatical and lexical 'abnormality' (deviation from SL norms) in the translation. It attempts to be completely faithful to the intentions and the text-realisation of the SL writer.

(Newmark, 1998:46)

Concordo, em parte, com Venuti. Na minha perspetiva, o procedimento ideal seria traduzir apenas as palavras que agrupei nos conjuntos 2 e 3. As palavras inventadas totalmente pela autora, as do grupo 1, eu optaria por utilizá-las como na língua de partida, sem qualquer alteração, de maneira a que o leitor da tradução percebesse que não são palavras oriundas da sua língua, mas de uma língua e cultura alheias. O objetivo seria deixar intacta a personalidade literária da escritora, que se perderia se as suas palavras fossem reinventadas numa outra língua. Isto levantaria uma problemática da originalidade do autor, também explorada por Venuti, que clama não existir tal originalidade. Todavia, na minha opinião, se todos os neologismos forem passados para a língua de chegada, o tradutor passará a ser o autor desses neologismos, tornando o texto refém da língua de chegada e muito distante do original. Desta maneira, o leitor da tradução não teria traços do autor do original e teria dificuldade em fazer uma crítica literária ao seu trabalho, pois a tradução seria um texto reescrito por outra pessoa em vez de uma cópia do texto de partida. Para além disso, há que ter em conta que o leitor da tradução pode querer fazer uma pesquisa pelos próprios meios sobre os mundos de Le Guin e, para isso, precisa de saber os termos originais. O tradutor deve saber mediar a tradução e adaptar os vários métodos de maneira a que ambas as línguas se complementem em vez de uma se sobreporem uma à outra.

Na tradução que fiz dos dois contos, tentei seguir este procedimento. Nos capítulos que se seguem, procurarei justificar as minhas opções de tradução.

Breve introdução à teoria de tradução

Para Mário Vilela, traduzir é:

um trabalho linguístico por excelência: interpenetram-se a actividade sintáctica e as actividades semântica e pragmática. Um texto da língua de partida é produzido numa língua de chegada: os dois textos, podendo significar «coisas diferentes», deverão ter o mesmo sentido, melhor ainda, deverão ter as mesmas funções comunicativas.

(Vilela 1994:14)

De facto, a tradução deve comunicar exactamente aquilo que o autor de partida quer transmitir. Para mim, nenhum tradutor deve tomar a liberdade de alterar o texto a seu bel-prazer, quer por dificuldades em encontrar uma correspondência, quer por não concordar com o que o autor do texto original escreve. André Lefevere (1992) dá-nos conta de que nem sempre o tradutor é fiel. Isto muitas vezes acontece devido a motivações ideológicas ou políticas, pois o tradutor ou quem encomenda a tradução fica ofendido ou não concorda com a opinião ou o tipo de palavras usadas pelo autor. Ainda hoje temos um exemplo bem vivo desta reescrita dos textos por parte dos tradutores cujas inúmeras reedições não são coerentes e existe a ideia geral de que o original seja bastante diferente da obra que hoje conhecemos: a Bíblia. André Lefevere mostra que:

The non-professional reader increasingly does not read literature as written by its writers, but as rewritten by its rewriters. It has always been that way (...) In the past too, many more people read the Authorized Version than read the Bible in its various original languages.

(Lefevere, 1992: 4)

Esta citação mostra-nos que o ato de tradução nunca foi unânime nos seus cânones e, pelo que vemos hoje, tem vindo a evoluir.

A tradução é uma atividade tão antiga que não se consegue datar o seu surgimento com exatidão. Sabe-se que é uma atividade que decorre da necessidade de comunicação entre povos e portanto, talvez quase tão antiga quanto a escrita. São diversas as teorias que têm surgido, na tentativa de explicar e regularizar esta atividade.

Tudo começou com a teoria bíblica de que Deus terá feito os construtores da babilónia falar línguas diferentes, tendo-os feito dispersar pelo mundo. Quando o interesse pelos estudos de tradução emergiu, percebeu-se que Horácio e Cícero, que traduziram do grego na Antiguidade Clássica, foram os primeiros teóricos de tradução. Contrariando o que acima disse através de Lefevere, estes defendiam a tradução livre, sentido por sentido, em vez de palavra por palavra, favorecendo a estrutura poética. Uns anos mais tarde, São Jerónimo escreveu em sua defesa, citando Cícero, na sua carta a Pamáquio, que utilizou o mesmo princípio nas suas traduções. (Venuti, 2004:14).

Susan Bassnett (2005) dá-nos conta da reflexão de George Steiner sobre a teoria da tradução na sua obra *After Babel* e, nesse sentido, explicita que Steiner divide a teoria da tradução em quatro fases: a primeira é a Antiguidade Clássica, onde inclui Cícero e Horácio. A segunda fase é situada entre o séc. XVIII e os anos 40 do século passado, e caracteriza-se pelo desenvolvimento de metodologia e vocabulário de tradução. Ainda nos anos 40, começa a terceira fase, que assenta na linguística estrutural e na teoria da comunicação. Por fim, a última fase de Steiner, que coexiste com a terceira, redefine a abordagem hermenêutica de Friedrich Schleiermacher e Heidegger, à qual adiciona outras disciplinas à tradução. Ainda seguindo Bassnett, podemos ver que as quatro fases são bastante desiguais, sendo a primeira bastante mais longa do que as outras. Isto evidencia a dificuldade (ou impossibilidade) de se designar datas precisas, sendo esta divisão a mais aproximada que é possível estabelecer.

Em 1680, John Dryden revolucionou a teoria da tradução, tornando-se uma influência de relevo ao reduzir a tradução a três categorias (Munday, 2008: 26):

- Metafrase: tradução palavra a palavra e linha a linha.
- Paráfrase: tradução mais ou menos livre onde o autor é tido em conta, sendo, contudo, o objetivo principal transmitir o sentido.
- Imitação: as palavras e os significados são postos de lado e a tradução passa a ser uma adaptação livre.

Dryden, assim como outros que teorizaram sobre esta problemática, era bastante pragmático e escrevia como se estas fossem regras fundamentais para uma tradução perfeita. Já Etienne Dolet havia feito o mesmo em 1540, definindo cinco princípios fundamentais e, mais uma vez, tal como Dryden, um deles era rejeitar a tradução palavra por palavra. Um dos princípios de Dolet que foi desenvolvido mais tarde por Alexander Tytler em 1797, o da compreensão perfeita do texto original por parte do tradutor, deu origem à conhecida e desenvolvida reflexão, no século XIX, por Schleiermacher e no século XX por Heidegger: a hermenêutica moderna (Munday, 2008). Munday define assim a hermenêutica:

Originally, hermeneutics only referred to the interpretation of the Bible. The more modern use of the term is broader and can be traced back to the German Romanticists Schleiermacher (...). Hermeneutics refers to the theory, methodology and processes involved in interpreting all types of text with the aim of discovering the meaning of a text (...).

(2009: 195)

Conclui-se então que a hermenêutica é um processo fundamental na tradução visto que, para a tradução atingir o seu objetivo, o tradutor tem de perceber e interpretar de maneira correta o texto e a cultura de origem assegurando-se de que não há enganos ou más interpretações na tradução.

Passando às teorias contemporâneas, e ainda citando Munday (2008), Steiner chegou à conclusão de que pouco de relevante se havia dito sobre a tradução, sendo alguns dos autores acima referidos dos poucos que realmente contribuíram para esta área. O problema residia no facto de as teorias serem demasiado normativas e de andar apenas à volta da tradução literal e da tradução livre, embora sempre de maneira muito vaga. Para dar resposta a esta questão, a segunda metade do século XX pautou-se por redefinir os conceitos de “literalidade” e “liberdade” (Munday, 2008: 30).

Tentarei expor nos parágrafos que se seguem, as teorias que se desenvolveram a partir da segunda metade do século XX e que se mostraram importantes tanto para a comunidade ligada à tradução como para mim, que me baseei em muitas delas para desenvolver a minha proposta de tradução de dois contos de Ursula Le Guin.

Começando pela equivalência, esta teoria começou com Roman Jakobson em “On Linguistic Aspects of Translation” e foi sendo aprimorada ao longo do tempo. É uma das teorias mais controversas e tem como estrutura o princípio de que ambos os textos, o de partida e o de chegada, estão ligados entre si, na medida em que contêm signos equivalentes para o mesmo significado. Eugene Nida, em “Principles of Correspondence” (Venuti, 2000), pega neste mesmo conceito e divide-o em dois: equivalência formal e informal, sendo que o primeiro implica uma tradução literal, mas com significado, aproximando-se sempre o mais possível do texto original, e o segundo se traduz numa tradução mais livre, tendo em conta a cultura e a língua de chegada. Vinay e Darbelnet também desenvolvem este campo num dos seus sete métodos de tradução, dizendo que a tradução não tem de ser literal, mas antes encontrar um correspondente cultural ou lexical. Os provérbios e expressões populares são alguns dos exemplos de equivalência. As conotações dadas pelos vários teóricos variam, mas no fundo baseiam-se sempre na aproximação do texto original à cultura do de chegada.

Neste seguimento, outras teorias surgiram, mas desta feita, centrando-se no tipo de texto e no seu propósito e não na palavra e o seu significado. É aqui que se encaixa a teoria do *skopos* de Hans Vermeer. Ao contrário da equivalência, o que é aqui tido em conta é o texto de chegada, e é ele que define como será feita a tradução. Esta prática poderá levar a divergências entre os dois textos, pois ambos são adaptados à sua cultura. Pode dizer-se que a adaptação parte deste princípio, pois, segundo Vinay e Darbelnet (Venuti, 2004), elementos culturais da língua de partida são modificados e adaptados à cultura de chegada, sendo que um dos exemplos dados é a adaptação do críquete em Inglaterra pela *Tour de France* em França.

Em oposição a todos estes pensamentos, surge, através de Jacques Derrida, uma linha de teorização que deixa de lado a ideia de que existe apenas um sentido ou significado: o desconstrutivismo. A linguagem e os seus conceitos são postos em causa, assim como o significado fixo de um termo (Munday, 2008).

Quando me deparei com estes dois contos, tive de escolher vários métodos para os traduzir. Como já expliquei anteriormente, tentei manter a fluidez do texto, traduzindo literalmente quando assim era possível ou optando por uma tradução explicativa quando não encontrava correspondência em português.

O método-base foi seguir o que Eugene Nida (Venuti, 2004) chama de equivalência formal. Centrei-me no texto de origem e na sua mensagem, tentando ser o mais fiel possível ao ritmo e ao estilo da autora. Para o efeito, traduzi literalmente sempre que possível, mas nunca de maneira a que o texto de chegada não fizesse sentido. Hans Vermeer (Venuti, 2004), na teoria do *skopos*, chama *trans-coding* ao processo em que há uma maior preocupação com o texto de origem do que com o texto de chegada e a sua cultura. Contudo, tentei ser equilibrada, não me inclinando mais para um lado do que o outro. Decidi não traduzir os neologismos para que, seguindo Venuti na teoria da invisibilidade (2004), o leitor da tradução tivesse contacto com a língua e cultura de partida. Visto que uma tradução significa também traduzir culturas, por que não misturá-las e usar ambas? De facto, foi o que fiz, e o leitor da minha tradução entenderá que não é um texto original, mas um ato translatório devido aos vestígios que deixei da língua de partida. A formação dos neologismos é, em alguns casos, estranha ao nativo do português que compreenderá que se trata de um texto em inglês. Isto contraria a teoria de Peter Newmark que defende que, tudo deve ser traduzido e o texto deve ser adaptado totalmente à língua e cultura de chegada.

Muitas outras teorias e teóricos fazem parte desta vasta área de estudo que é a Tradução. Todas elas são relevantes para o ato de traduzir, apesar de nenhuma se revelar perfeita e ideal. Caberá ao tradutor saber conjugá-las e utilizá-las de maneira a otimizar a tradução sem prejuízo para o leitor da tradução nem para o autor do original.

“Atingir a Maioridade em Karhide” e “Amor Não-Escolhido”: estratégias de tradução

Nesta secção da minha dissertação, proponho-me a explicar os maiores desafios à tradução dos contos “Coming of Age in Karhide” e “Unchosen Love”. As palavras que me desafiaram mais foram aquelas que já existem no léxico inglês, mas cujo significado a autora alterou. Quando comecei o trabalho de tradução, tinha como objetivo seguir as opções tomadas pela tradutora portuguesa Fátima Andrade na tradução que fez de *The Left Hand of Darkness*, no intuito de manter a coerência de sentidos e palavras, tornando consistente o universo de Le Guin a que alguns leitores já teriam acedido. Porém, isso não se mostrou possível. Depois de ter analisado bem todas as opções que esta tradutora tomou em relação às palavras que abaixo descreverei, cheguei à conclusão de que não posso nem consigo concordar com algumas das opções.

Começando pelos neologismos inventados totalmente pela autora, (baro, Ebbeche, Ekumen, Handdara, hieb, kemmer, ki’O, pesthry, sedoretu, serem, Shifgrethor, somer, Thorharmen e yama), optei por deixá-los intactos e não os traduzir pelas razões que atrás expus. Acho que é bom para o leitor da tradução ter contacto com estrangeirismos e com a imaginação da autora do texto original. A minha estratégia foi seguir algumas das opções tomadas pela tradutora portuguesa de *The Left Hand of Darkness* e escrever estas palavras em itálico, para que o leitor da tradução percebesse que não são palavras inventadas na sua língua, mas um empréstimo, seguindo o primeiro procedimento descrito por Vinay e Darbelnet (2004:85). Contudo, toda a regra tem exceção, e este caso não é diferente. Desta lista de palavras, traduzi uma delas, assim como aquelas derivadas dessa, de acordo com a teoria de Newmark de que se deve traduzir utilizando os morfemas equivalentes da língua de chegada: *Ekumen* deu lugar a *Ecuménio*. Estas palavras requereram muita pesquisa de maneira a comprovar que não teriam uma utilização válida e corrente em inglês. Encontrei algumas ocorrências destes termos em sobrenomes ou palavras em outras línguas, mas cujo sentido nada tem a ver com o seu significado nos textos. Descobri, por exemplo, que *Ebbeche* é um nome de família, mas muito pouco usual, se não mesmo extinto, e que *Hieb* é um verbo em alemão. Não conseguindo provar que Le Guin já conhecia estas

palavras quando as utilizou, concluo que são de facto palavras inventadas exclusivamente por si.

Em relação a *clitopenis*, *heartsib*, *mothersib*, *offworld*, *snowghoul*, *Unking*, *Unpalace*, *Untrance* e *wombsib*, o que fiz foi tentar traduzir as palavras utilizando o mesmo método da autora. Tive porém de tomar opções com as quais não concordo para tentar manter a maior coerência possível com a tradução de Andrade. Mais especificamente, dentro deste grupo de palavras, aquelas que foram criadas pelo acréscimo do prefixo –un, eu optaria, em português, por escolher o prefixo de negação –des, pois acho mais adequado. Contudo, Andrade escolheu o advérbio de negação “não” e foi esse que acabei por utilizar, como mostra o título do segundo conto. Eu poderia ter contrariado esta opção, mas tendo em conta a palavra *Unchosen*, considerei que a palavra *não* como prefixo soava melhor. Para manter a coerência, foi esta a minha opção para todas as palavras.

Para traduzir as palavras justapostas cuja formação atrás expliquei, *heartsib*, *mothersib*, *wombsib* e *snowghoul*, tive de as desconstruir e usar mais do que uma palavra para cada uma, como mostrei na página 26. Visto que traduzi o termo *Hearth* por *Clã*, traduzi *heartsib* por *irmão de clã* e *mothersib* por *irmã da mãe*. Esta última era um pouco ambígua, pois também poderia significar irmão da mesma mãe. Contudo, o contexto indica que a opção que tomei é a mais correta. Irmão de mãe é referido no texto como *wombsib* (que traduzi como irmão uterino) e a palavra *mothersib* é explicada no texto como sendo a mãe do primo da narradora, logo, sua tia. Seguindo o mesmo critério, *snowghouls* aparece na minha tradução como *demónios-das-neves*. Finalmente, dentro deste grupo de palavras, a mais simples foi *clitopenis*, pois apenas lhe acrescentei um acento agudo: *clitopénis*.

No que se refere ao terceiro grupo de palavras, *Adept* colocou-se um desafio interessante. Pegando no dicionário e no contexto que a escritora Ursula Le Guin nos oferece, apenas consigo aceitar que *Adept* signifique algo como *Mestre*. Na página 27, defini *Adept* como alguém que sabe muito sobre algo e é perito numa área. Uma vez que esta palavra está ligada à religião, decidi que *Mestre* seria uma opção viável, pois é o

atributo que se reconhece a alguém que ensina e sabe (quase) tudo em tantas outras áreas. Como, defini anteriormente, comparo um *Adept* a um padre da religião católica, o que justifica ainda mais esta minha tradução. *Habitantes* e *Adeptos* foram as opções que Andrade tomou para traduzir este termo, estratégia de que discordo plenamente já que este tipo de palavra tem de ter, na minha opinião, um significado fixo ao longo de todo o texto.

O mesmo se passa, na minha perspectiva, em relação a *Fastness*. Em *A Mão Esquerda das Trevas*, Andrade é, na minha modesta opinião, infeliz na sua escolha de tradução. Penso que ela terá seguido demasiadamente o sentido literal, esquecendo a imaginação. Na verdade, quando optou por *Praças Fortes*, Andrade esqueceu-se do atributo religioso e espiritual que Ursula conferiu à palavra. Depois de ter lido “Coming of Age in Karhide”, *Fastness* foi das palavras, para mim, mais fáceis de entender, o contexto ajuda bastante, e talvez o mesmo não aconteça em *The Left Hand of Darkness*. De facto, o dicionário *Oxford Advanced Learner's Dictionary* define *Fastness* como um sítio fortificado, longínquo e secreto. Porém, no conto este sítio, para além destas características, é para onde as pessoas de *Gethen* vão para se retirarem do mundo que conhecem e meditar e encontrar paz de espírito através dos ensinamentos da religião *Handdara*. Neste sítio existe todo o tipo de pessoas: as que o frequentam esporadicamente, os *Indwellers* e os *Adepts*. Tendo isto em conta, a minha escolha para esta palavra é *Retiro*, como um retiro espiritual. Esta palavra transporta-me para um sítio intocável pelo mundo “exterior”.

Hearth foi talvez a palavra mais difícil que encontrei nestes contos. Primeiro, a tarefa de a compreender; depois, a de lhe atribuir um correspondente. Estes foram dois passos muito complicados e que me tomaram algum tempo. Esta é uma palavra utilizada como adjectivo e nome e encontrar uma única correspondência não foi fácil. Não utilizei uma coerência pois, se se trata de *Clã-Lar* ou apenas de *Clã*, depende totalmente do contexto. A tradutora Fátima Andrade, quando a palavra aparece sozinha, traduziu-a como *Lar*. Estou de acordo, mas decidi acrescentar-lhe a palavra *Clã*. Senão vejamos:

1. He knows each one I ask about, though there are hundreds, some from remote domains, hearths and tribelets of the Pering Storm-border and Kerm Land.

2. From a sound-tape collection of North Karhidish "hearth-tales" in the archives of the College of Historians in Erhenrang, narrator unknown, recorded during the reign of Argaven VIII.
3. This he said to his hearth-fellows there:

(LHD, 1979)⁴

1. Ele conhece-as todas, apesar de ali estarem centenas delas, algumas de domínios distantes, remotos lares e minúsculas tribos da Fronteira Tempestuosa de Pering e da Terra de Kerm.
2. Excerto de uma compilação gravada de “contos do lar” do norte de Karhide, dos arquivos da Universidade de Historiadores de Erhenrang, por narrador desconhecido, gravada durante o reinado de Argaven VIII.
3. Dirigindo-se aos seus companheiros de Lar, falou assim:

(MET, 2003)⁵

A escolha da palavra *Clã* para acrescentar a *Lar* surgiu a partir de uma passagem no texto:

Clannish, the Thades preferred not to bring outsiders, even other members of our own Hearth, into the family.

(BW, 2002:4)

Porém, visto que este termo é também usado para referir um lugar, a casa, como está no exemplo 1 na página acima, escolhi seguir o padrão de Andrade, mas acrescentar a palavra *Clã* ao termo *Lar*:

There were a couple of thousand people in the Ereb Hearths, and ahundred and forty of them lived in my Hearth, Ereb Tage.

(BW, 2002:3)

A minha tradução dessa frase, para exemplificar, é:

Havia umas duas mil pessoas nos Clãs-Lares de Ereb e cento e quarenta viviam no meu Clã-Lar, Ereb Tage.

⁴*The Left Hand of Darkness.*

⁵*A Mão Esquerda das Trevas.*

Passando à penúltima palavra, *Indweller*, encontrei incoerências na tradução de Fátima Andrade. A tradutora não encontrou um termo que se adequasse a todas as ocorrências e portanto foi escolhendo várias opções ao longo da obra. Penso que este método não é o mais correto, pois esta palavra tem um significado específico e não pode ser alterado várias vezes no mesmo texto, caso contrário causará confusão e o leitor da tradução ficará com a percepção de se tratar sempre de personagens diferentes com características diferentes, quando deveria ser o contrário. Mais atrás nesta dissertação, aquando da minha reflexão sobre a formação de neologismos, expliquei que um *Indweller* é mais do que um habitante de um local. Segundo as explicações que encontrei e o contexto dado ao logo do conto, este termo implica fazer parte ou estar fixado em algum grupo ou religião. Ora, Andrade escolhe termos como *Velho*, *Jovem Habitante* ou *Membro*. A interpretação que faço deste termo é a de alguém que vive no *Fastness* seguindo as doutrinas *Handdara*, alguém espiritual que medita e procura a paz interior, abandonando as coisas mundanas e seguindo e praticando as doutrinas. Mais uma vez, as escolhas da tradutora não tiveram em conta a coerência de significado. Posto isto, decidi que *Praticante* seria uma escolha aceitável.

Outra das minhas reservas, desta feita relativamente à tradução de *Mobile* por *Móvel*, reside no facto de ser uma tradução demasiado literal e o leitor poder fazer uma associação a uma peça de mobiliário e não à mobilidade que se quer transmitir. Abrindo mais uma vez uma excepção, neste caso referindo-me a este grupo de palavras que devem ser traduzidas, a minha preferência passa por utilizar a palavra de origem, *Mobile*.

Termino com a explicação de tradução de um neologismo que não é utilizado em *The Left Hand of Darkness* e, portanto, não poderei fazer qualquer comparação. A primeira informação que retiro da palavra *Dark-of-the-mooners* é que é usada para caracterizar alguém. Como já foi explicado mais acima, o sufixo *-er* e o morfema *-s* indicam uma qualidade atribuída a duas ou mais personagens. Porém, a dificuldade reside no resto da composição: o que significará *dark-of-the-moon*? De novo, o contexto é fundamental. Imediatamente antes da ocorrência deste termo, fala-se em *moontime* que, como explicarei mais à frente, envolve as fases (ou faces) da lua. Parti pois do princípio de que *Dark-of-the-mooners* se refere a alguém que esteja sob a influência da

fase negra da lua. Assim sendo, tive de enveredar uma tradução explicativa: *São do lado negro da lua*.

Em conclusão, decidi fazer um apêndice com um glossário destas palavras inventadas. Achei que seria necessário uma explicação para todas elas, já que, por vezes, o contexto não é suficiente. Acredito que, sem este glossário, muitos leitores teriam dificuldade, como eu tive, em entender certos conceitos. Decidi também que seria útil dar-lhes a indicação de palavras em inglês, para lhes facilitar alguma busca que queiram fazer na Internet sobre o mundo inventado por Ursula Le Guin.

Para além da questão dos neologismos, os contos também me colocaram outros desafios difíceis, nomeadamente no que respeita à tradução de expressões idiomáticas. Começarei por expor os desafios do conto “Coming of Age in Karhide” de forma linear, para depois passar para aos desafios de “Unchosen Love”.

No início do conto “Coming of Age in Karhide”, senti a necessidade de fazer uma nota em relação a uma referência bíblica que a autora faz no texto: *judgement seat*. Ao procurar uma tradução para esta expressão, percebi que era uma referência ao trono de Deus, perante o qual as almas se ajoelham e esperam a sua sentença no juízo ou julgamento final. Decidi consultar uma bíblia em português e reparei que não existe a mesma coerência como na Bíblia em inglês:

For we will all stand before God’s judgment seat.

Todos nós devemos comparecer diante do tribunal de Deus.

Romanos 14:10

For we must all appear before the judgment seat of Christ, that each one may receive what is due him for the things done while in the body, whether good or bad.

De facto, todos deveremos comparecer diante do tribunal de Cristo, a fim de que cada um receba a recompensa daquilo que tiver feito durante a sua vida no corpo, tanto para o bem, como para o mal.

II Coríntios 5:10

Posto isto, decidi que manteria a designação *Deus* e, para além disso, optei por seguir a tradução da versão portuguesa da Bíblia e daí escolhi a palavra *tribunal*.

Como já referi anteriormente, fui por vezes confrontada com expressões idiomáticas ou metáforas difíceis de traduzir. *Be on the same moontime*, não foi fácil entender o que a autora quis dizer com a expressão, mas cheguei à conclusão de que teria a ver com as fases da lua, sendo que a face escura da lua é também considerada naquele planeta. Esta expressão dá origem à criação de um nome que expliquei anteriormente. Mais uma vez, apenas o contexto me forneceu informações suficientes para traduzir por *estão na mesma fase da lua*.

Deparei-me também com *hoe braties*, uma expressão para a qual não encontrei qualquer justificação nas minhas buscas. Não encontrando qualquer correspondência nem nenhuma palavra ou expressão parecida de que esta pudesse derivar, tive de confiar no meu julgamento e no contexto. Esta foi das mais difíceis, pois apenas a palavra *hoe* tem um significado em calão. Contudo, não acredito que seja esse o caminho e por isso, optei por traduzir como *ir arejar*. Penso que, dentro do contexto, esta minha escolha funciona bastante bem.

Outra expressão que me pareceu ser de um tipo popular foi *cast shadows*, uma das mais complicadas de traduzir pois a pesquisa que efetuei não me deu grandes resultados. A segunda via que tomei foi seguir o contexto e confesso que não tenho a certeza de ter entendido o verdadeiro significado. Entendi que *cast shadows* assume a função de verbo e que teria a ver com quebrar as regras, sair do padrão de conduta ou da zona de conforto. Escolhi a primeira opção, *quebrar as regras*, por considerar ser uma expressão, em comparação com as outras, mais familiar e menos coloquial. No meu entendimento, *cast shadows* talvez seja uma expressão vinda de uma linguagem mais popular; porém, não estando segura deste facto, decidi não procurar um equivalente em português neste tipo de linguagem. Por fim, a última das expressões que me suscitou algumas dúvidas foi *Praise then Darkness*. Encontrei uma entrada igual na obra *The Left Hand of Darkness* e segui a tradução de Andrade, que me pareceu adequada: *Louvadas sejam as Trevas*.

Com “Unchosen Love”, as dificuldades de tradução não foram menores. Como defende Eugene Nida (Venuti, 2004), não existe uma tradução exata. Contudo, deveremos tentar aproximar o melhor possível o texto original do texto de chegada. Esta situação implica tomar decisões e subjetivas: o que para mim pode ser o mais correto, para outra pessoa poderá não ser. O meu objetivo, enquanto tradutora, é que o leitor da tradução entenda o texto tão bem quanto um leitor do texto original. Posto isto, espero que o leitor da minha tradução entenda todo o conto, sem que chegue a uma ou outra linha do texto e pare a leitura numa palavra que não entenda. Assim, nem sempre traduzi literalmente quando o poderia ter feito. *Hindbrain* é um exemplo desta minha estratégia de tradução. A pesquisa revelou-me que existe uma palavra em português equivalente a esta: *rombencéfalo*. Contudo, achei que uma tradução explicativa seria mais benéfica para o leitor: *bem lá atrás do meu cérebro*.

O segundo grande desafio prendeu-se com o que me pareceu à primeira vista ser um verbo: *ki'O*. O que me deu esta informação foi a explicação que vem a seguir, por parte da mesma personagem:

“But you ki'O,” she said, “you marry on all fours.”

(BW, 2002:70)

Decidi que não iria conseguir encontrar correspondente em português, pois a formação desta expressão radica do nome do planeta: *O*. Para além disso, sendo um neologismo totalmente inventado, permaneceu intacto. Contudo, a explicação dada pela personagem também não foi fácil de traduzir. Se optasse pela tradução literal, teria de dizer que se trata de estar de gatas. Existe porém, um significado escondido, podendo mesmo dizer-se que se trata de uma metáfora para o tipo de casamento realizado no planeta *O*, o *sedoretu*: um casamento que consiste em juntar quatro pessoas, duas de cada sexo. Posto isto, a melhor solução que encontrei foi: *vocês casam-se com base em quatro membros*. A justificação baseia-se na dualidade de *membros*, que tanto pode significar os quatro membros que constituem o casamento, como os quatro membros em que uma pessoa se apoia para se colocar de gatas.

Hold revelou ser outro grande desafio neste segundo conto. Não consegui de imediato encontrar uma correspondência em português para esta palavra devido ao facto

de não entender exatamente o que ela significava. O contexto mostrava-me que seria um edifício; contudo, esta palavra dava-me a sensação de não se referir a um edifício qualquer. Descobri então que *hold*, para além de se referir, entre outros significados, a uma estrutura familiar, é também, em inglês arcaico, a designação para um sítio fortificado. Tendo em conta que esta palavra aparece justaposta a outras, a minha opção não foi coerente. Significa então que optei por não encontrar um correspondente em português, pois seria difícil utilizá-lo durante todo o texto. Assim, quando *hold* aparece como uma palavra isolada, escolhi apenas a palavra *casa* ou *forte*, conforme o contexto. Quando surge justaposta a outra, traduzi segundo a característica que a primeira palavra lhe dá. Exemplificando, traduzi *farmhold* por *quinta*, *seahold* por *vila piscatória* e *household* por *gente da casa*. Esta tradução não é tão fiel nem coerente, pois perde-se na tradução a especificidade da casa e provavelmente não é a melhor opção – foi, contudo, foi a única que encontrei.

Neste conto, dificuldades como estas são frequentes. Quando as palavras não são passíveis de serem traduzidas literalmente, a minha decisão passou por encontrar, na cultura portuguesa, alguma expressão ou palavra que transmitisse a mesma ideia. Foi o caso das palavras *netyards*, *drying and freezing plants*. As pesquisas mostraram-se infrutíferas, e por isso fui obrigada a traduzir o significado e não a palavra. Assim, *netyards* significa, na minha interpretação, o local onde se entendem as redes de pesca e *drying and freezing plants* implica o local onde se seca e congela o peixe. A palavra *plants* pode ou não indicar um local específico onde a seca e a congelação do peixe acontecem, mas não encontrei tal especificidade. Assim, a minha tradução foi esta: *Mesmo ao lado das docas e do local onde se estendiam as redes e de onde se secava e congelava o peixe*.

Para traduzir o termo *germane*, precisei de alguma pesquisa, mas mesmo assim não sei se o significado que dei à palavra será o mais correto. Um dos significados que vem no dicionário é, em português, *germano*. Isto significa uma união familiar entre irmãos dos mesmos pais. Decidi traduzir literalmente, pois existe correspondente em português. Contudo, por vezes tive dúvidas se seria este mesmo o significado que a autora pretendia transmitir. Na falta de prova que apontassem em sentido contrário, a minha aposta foi mesmo na palavra *germano*.

Dentro das expressões idiomáticas, tal como no conto anterior, foi bastante difícil uma em particular: *keep careful accounts*. Embora entenda o seu significado, não consegui de todo fazer passar para a tradução o verdadeiro significado. Entendi que são pessoas organizadas e regradas, que cuidam bem do seu dinheiro. Assim sendo, *têm as contas em ordem* parece-me ser uma expressão que se adequa. Outra expressão também impossível de encontrar em português foi *arrogant carriage to her head*. Como nada se pode entender sem um pouco de pesquisa, mais uma vez descobri que esta expressão, através de *head carriage*, está ligada à postura correta da cabeça que passa por mantê-la erguida. Partindo deste conceito, e juntando o adjetivo *arrogante*, assumi que *arrogant carriage to her head* significasse alguém que anda de cabeça erguida, de nariz empinado e a olhar por cima do ombro, sempre com arrogância. Então a tradução final foi *andava de cabeça bem erguida, algo arrogante*. Por último, *It had grown piercingly cold*, pelos seus constituintes metafóricos, foi outro desafio. Começando a desconstruir esta frase, a primeira impressão foi a de que o frio era tão intenso que penetrava o corpo. *Um frio nos ossos* seria uma opção viável pois incluiria a ideia de que o frio nos atravessa, sugerida por *piercingly*. Oscilei entre duas opções e optei por escolher a que, para mim, é mais poética, de acordo com a escrita de Le Guin e que é mais literal e que penso que também é utilizada na nossa língua: *Havia ficado um frio penetrante*.

Em suma, dado estes desafios, tentei aplicar da melhor maneira o que vem no capítulo anterior. Estas dificuldades fizeram-me desenvolver e estudar cada vez mais. Esforcei-me para que os leitores da minha tradução não sentissem qualquer dificuldade em lê-la e que a achassem tão bela quanto eu achei os contos na sua língua original.

Parte III

“ATINGIR A MAIORIDADE EM KARHIDE”

Por Sov Thade Tage em Ereb, de Rer, de Karhide em Gethen.

Vivo na mais antiga cidade do mundo. Muito antes de haver reis em Karhide, Rer era uma cidade, o mercado e ponto de encontro de todos os do Nordeste, da Planície e da Terra Kerm. O Retiro de Rer era um centro de aprendizagem, um refúgio, um tribunal de julgamento⁶ há quinze mil anos. Karhide tornou-se aqui uma nação, sob os reis Geger, que governaram durante mil anos. No milésimo ano, Sedern Geger, o Não-Rei, atirou a coroa ao rio Arre, das torres do palácio, proclamando fim ao domínio. O período a que eles chamam O Florescimento de Rer, o século Verão, começou aí. Acabou quando o Clã de Harge tomou o poder e deslocou a sua capital, através das montanhas, para Erhenrang. O Antigo Palácio está vazio há séculos. Mas está de pé. Nada cai em Rer. O Arre inunda os túneis das ruas todos os anos no Degelo, as nevadas de inverno podem trazer nove metros de neve, mas a cidade mantém-se. Ninguém sabe quão antigas são as casas porque têm sido sempre reconstruídas. Cada uma com o seu jardim sem respeito pela posição das outras, tão vastas e aleatórias e antigas como colinas. As ruas com telhado e os canais angulam entre elas. Rer é toda ela esquinas. Dizemos que os Harges foram embora por terem medo do que pode estar ao virar da esquina.

O tempo aqui é diferente. Aprendi na escola como os Orgotas, o *Ecuménio* e a maioria dos outros povos conta os anos. Chamam ao ano de um acontecimento portentoso *Ano Um* e contam a partir daí. Aqui estamos sempre no Ano Um. Em Getheny Thern, o Dia de Ano Novo, o Ano Um torna-se o ano Um-passado, o ano Um-que-vem torna-se o ano Um, e por aí adiante. É como em Rer, está sempre tudo a mudar, mas a cidade não muda nunca.

Quando eu tinha catorze anos (no Ano Um ou há cinquenta atrás), atingi a maioridade. Ultimamente tenho pensado bastante nisso.

Era um mundo diferente. Muitos de nós nunca tinha visto um alienígena, como lhes chamávamos na altura. Poderíamos ter ouvido os *Mobile* a falar na rádio e na escola víamos fotografias de alienígenas – os que tinham pêlo à volta da boca eram os

⁶Romanos 14:10 e Coríntios 5:10

Referência bíblica ao trono de Deus e ao julgamento divino, perante o qual todas as almas se ajoelham para receber a sua sentença.

mais prazerosamente selvagens e repulsivos. A maioria das fotos era decepcionante. Pareciam-se demasiado connosco. Nem se notava que estavam sempre no *kemmer*. Era de esperar que os alienígenas-fêmea tivessem seios enormes, mas a irmã da minha mãe, a Dory, tinha seios maiores do que os das fotografias.

Quando os Defensores da Fé os expulsaram de Orgoreyn, quando o rei Emran entrou na Guerra da Fronteira e perdeu Erhenrang, mesmo quando os seus *Mobiles* foram banidos e banidos e forçados a esconderem-se no Estre em Kerm, o *Ecuménio* não fez muito para além de esperar. Haviam esperado durante duzentos anos, pacientes como Handdara. Fizeram uma coisa: levaram o nosso jovem rei para fora do mundo para frustrar uma conspiração e trouxeram o mesmo rei de volta sessenta anos mais tarde para acabar com o desastroso reinado do seu filho uterino. Argaven XVII é o único rei que reinou quatro anos antes do seu herdeiro e quarenta depois.

O ano em que nasci (o Ano Um, ou sessenta e quatro atrás) foi o ano em que começou o segundo reinado de Argaven. Quando comecei a reparar em mais do que nos meus dedos dos pés, a guerra tinha acabado, o West Fall fazia de novo parte de Karhide, a capital era de novo em Erhenrang e a maioria dos danos causado a Rer, durante a deposição de Emran, haviam sido reparados. As velhas casas haviam sido reconstruídas. O Velho Palácio fora de novo remendado. Argaven XVII estava miraculosamente de volta ao trono. Tudo estava como havia sido, como devia ser, de volta ao normal como nos velhos tempos – era o que toda a gente dizia.

De facto esses foram dias tranquilos, um intervalo para recuperar antes de Argaven, o primeiro Getheniano a sair do nosso planeta, nos trazer completamente para o Ecuménio; antes de nós, não eles, nos termos tornado os alienígenas, antes de termos atingido a maioridade. Quando eu era pequena, vivíamos da mesma maneira que todas as pessoas haviam vivido desde sempre em Rer. É nessa maneira, nesse mundo intemporal, nesse mundo ao virar da esquina que eu tenho pensado e tentado descrever às pessoas que nunca o conheceram. Porém, neste momento em que escrevo, vejo como nada muda, que é na verdade sempre o Ano Um, para cada criança que atinge a maioridade, para cada amante que se apaixona.

Havia umas duas mil pessoas nos Clãs-Lares de Ereb e cento e quarenta viviam no meu Clã-Lar, Ereb Tage. O meu nome é Sov Thade Tage em Ereb, segundo as antigas formas de denominação ainda em uso em Rer. A primeira coisa de que me lembro é um enorme lugar escuro cheio de gritos e sombras, e estou a cair em direção à

escuridão através de uma luz dourada. Com um medo arrepiante, grito. Sou amparada na queda, seguram-me, seguram-me com força; choro; uma voz tão perto de mim que parece falar através do meu corpo, diz suavemente “Sov, Sov, Sov”. E então dão-me uma coisa maravilhosa para comer, tão doce, tão delicada que nunca hei-de voltar a comer coisa assim tão boa.

Penso que alguns dos meus irmãos do Clã, os mais velhos e mais atrevidos, se tenham posto a atirar-me ao ar, e que por isso a minha mãe me tenha consolado com um bocado de bolo de festa. Mais tarde, quando eu era já uma irmã mais velha e atrevida, costumávamos brincar a atirar ao ar, sem deixar cair, bebés em vez de bolas; eles gritavam sempre com terror ou alegria, ou ambos. É o mais próximo de voar que alguém da minha geração já esteve. Tínhamos dúzias de palavras diferentes para a maneira como a neve cai, descende, desliza, se levanta; para a maneira como as nuvens se mexem, como o gelo flutua, como os barcos navegam; mas não essa palavra. Ainda não. E portanto eu não me lembro de “voar”. Lembro-me de cair em direção à luz dourada.

As casas das famílias em Rer são construídas à volta de uma grande pátio central. Cada andar tem uma varanda interior aberta à volta desse espaço e nós chamamos ao andar todo, quartos e tudo, uma varanda. A minha família ocupava todo o segundo andar de Ereb Tage. Éramos muitos. A minha avó dera à luz quatro filhos e todas haviam tido filhos, por isso eu tinha um monte de primos, bem como irmãos uterinos, um mais novo e um mais velho.

— Os Thades entram sempre no *kemmer* como mulheres e engravidam sempre – ouvi os vizinhos dizer, muitos com inveja, desaprovando, admirando – e nunca mantêm o *kemmer* – alguém acrescentava. A primeira afirmação era um exagero, mas a segunda era verdade. Nenhum de nós tinha pai. Durante anos não soube quem era o meu procriador e nunca pensei nisso. Agarrados ao Clã, os Thades preferiam não trazer estranhos para a família, mesmo que fossem membros do Clã-Lar. Se os jovens se apaixonassem e comessem a falar em manter *kemmer* ou fazer votos, a Avó e as mães eram implacáveis:

— Fazer os votos *kemmer*... Quem é que pensas que és? Da nobreza? Alguém importante? A casa de *kemmer* estava muito bem para mim e está também muito bem para ti – diziam as mães aos seus filhos não correspondidos e mandavam-nos para longe, para o velho Domínio Ereb no interior para irem arejar até ultrapassarem a paixoneta.

Portanto, enquanto criança, eu era um membro de um rebanho, de uma escola, de um bando, dentro e fora de um labirinto de quartos, percorrendo as escadas acima e abaixo, trabalhando em conjunto e aprendendo em conjunto, tomando conta dos bebês – à nossa maneira – e aterrorizando com nosso número e barulho os membros do Clã mais sossegados. Tanto quanto sei, não fazíamos verdadeiramente mal. As nossas escapadelas estavam bem dentro das regras e limites do digno e antigo Clã, que sentíamos não como restrições, mas como proteção, as paredes que nos mantinham seguros. A única vez em que fomos punidos foi quando o meu primo Sether decidiu que seria engraçado se atássemos uma corda comprida que havíamos encontrado ao corrimão da varanda do segundo andar, fizéssemos um grande nó na corda, nos agarrássemos ao nó e saltássemos.

— Vou eu primeiro – disse Sether.

Outra enganosa tentativa de voar. O corrimão partido, assim como a perna de Seth, foram consertados, e quanto a nós, tivemos de limpar as sanitas, todas as sanitas do Clã durante um mês. Acho que o resto do Clã havia decidido que era altura de os jovens Thades conhecerem alguma disciplina.

Apesar de, na verdade, não saber como é que eu era em criança, acho que se me tivesse sido dado a escolher teria sido bem menos ruidosa do que os meus companheiros de brincadeira, porém tão indisciplinada como eles. Adorava ouvir rádio e enquanto os outros faziam algazarra pelas varandas ou pelo pátio central no inverno, ou pelas ruas e jardins no verão, eu agachava-me durante horas no quarto da minha mãe atrás da cama com o rádio de madeira *serem* a tocar baixinho para que os meus irmãos não soubessem que eu estava ali. Ouvia qualquer coisa, declamações de poemas e peças de teatro, contos populares, as notícias do Palácio, as análises às colheitas de grãos e a meteorologia detalhada; ouvi todos os dias ao longo de um inverno uma antiga saga de Fronteira Tempestuosa de Pering sobre demónios-das-neves, traidores pérfidos e assassinos sangrentos de machado na mão que me assombravam tanto à noite que não conseguia dormir e arrastava-me para a cama da minha mãe em busca de consolo. Muitas vezes, o meu irmão mais novo já lá estava, na suave e quentinha escuridão. Dormíamos todos entrelaçados e enrolados como num ninho de *pesthry*.

A minha mãe, Guyr Thade Tage em Ereb, era impaciente, carinhosa e imparcial, não exercendo muito controlo sobre nós, os três filhos uterinos, mas mantendo-se vigilante. Os Thades eram todos gente de comércio a trabalhar em lojas e oficinas em Ereb, com pouco ou nenhum dinheiro para gastar; mas quando fiz dez anos, Guyr

comprou-me um rádio, um novo, e disse-me, de maneira a que os meus irmãos pudessem ouvir:

— Não tens de o partilhar.

Estimei-o durante anos e finalmente partilhei-o com o meu próprio filho uterino.

E os anos foram passando, e eu fui passando no calor e densidade e certezas de uma família e de um Clã enraizado em tradição, fios no tear rápido e repetitivo, tecendo a teia intemporal de costumes e atos e trabalho e relações, e a esta distância mal consigo distinguir um ano do outro ou a mim própria das outras crianças: até ter feito catorze anos.

A razão pela qual a maioria das pessoas do meu Clã-Lar se lembra desse ano é a grande festa conhecida como a *Celebração de Para-Sempre-em-Somer* da Dory.

A Dory, irmã da minha mãe, deixara de entrar no *kemmer* nesse inverno. Algumas pessoas não faziam nada quando deixavam de entrar no *kemmer*; outras iam para o Retiro, para um ritual, ficando lá durante meses ou mudando-se mesmo para lá. A Dory, que não tinha qualquer inclinação espiritual, disse:

— Se já não posso ter filhos nem ter sexo e tenho de envelhecer e morrer, posso ao menos ter uma festa.

Tive já alguma dificuldade em contar esta história numa linguagem sem pronomes *somer*, só pronomes com género. Nos últimos anos de *kemmer*, porque o equilíbrio das hormonas muda, a maioria das pessoas entra no *kemmer* como homem. Os *kemmer* da Dory eram como homem há mais de um ano, por isso descreverei Dory como “ele”, apesar de, com toda a certeza, a questão ser que ele nunca mais seria nem ele nem ela.

Em todo o caso, a festa dele foi tremenda. Convidou toda a gente do nosso Clã-Lar e os dois Clã-Lares vizinhos de Ereb e durou três dias. Tinha sido um longo inverno e a primavera estava atrasada e fria; as pessoas estavam preparadas para algo de novo, algo escaldante prestes a acontecer. Cozinhámos durante uma semana e uma dispensa inteira foi bem abastecida de barris de cerveja. Muitas pessoas que estavam a meio do processo de sair do *kemmer*, e que já tinham ou não feito algo em relação a isso, vieram e participaram no ritual. Eis do que me lembro, vividamente: à luz da lareira do pátio central do nosso Clã-Lar de três andares, um círculo de trinta ou quarenta pessoas, todas de meia-idade ou idosas, a cantar, a dançar, a bater os pés ao som do ritmo. Havia nelas uma energia feroz, tinham os cabelos grisalhos, soltos e rebeldes, batiam o pé como se este fosse entrar pelo chão, as vozes eram profundas e

fortes e riam-se. Os mais novos, que os fitavam, pareciam pálidos e sombrios. Olhei para os bailarinos e perguntei-me “por que estarão felizes? Não são velhos? Por que é que agem como se tivessem sido libertados? Como será depois do *kemmer*?”

Não, eu nunca pensara muito no *kemmer* antes. Qual seria o propósito? Até atingirmos a maioridade não temos sexo nem sexualidade, as nossas hormonas não nos dão qualquer problema. E numa cidade de Clã-Lares nunca vemos os adultos no *kemmer*. Despedem-se e vão-se embora.

— Onde está a Maba?

— Na casa de *kemmer*, amor, agora come a papa.

— Quando é que a Maba volta?

— Em breve, amor.

E a Maba volta dias depois, parecendo sonolenta e brilhante e refrescada e exausta.

— É como tomar banho, Maba?

— Sim, um bocadinho, amor. E o que andaste a fazer enquanto estive fora?

É claro que brincávamos ao *kemmer* quando tínhamos sete ou oito.

— Isto é a casa de *kemmer* e eu sou a mulher.

— Não, *eu* é que sou.

— Não, *eu* é que sou porque eu é que pensei nisso – e roçávamos os nossos corpos uns contra os outros e reboávamos a rir, e depois éramos capazes enfiar uma bola debaixo da camisola e estávamos grávidos, e depois dávamos à luz e depois jogávamos a atirar a bola ao ar. As crianças brincam a tudo o que os adultos fazem; mas o jogo *kemmer* não era bem um jogo. Muitas vezes acabava num jogode cócegas. E a maioria das crianças nem tem muitas cócegas até atingir a maioridade.

Depois da festa da Dory, eu estive de serviço na creche do Clã durante todo o Tuwa, o último mês da primavera; chegado o verão, fui aprendiz pela primeira vez numa oficina de móveis na Terceira Ala. Adorava levantar-me cedo e atravessar a cidade lá em cima por entre os caminhos e os beirais dos telhados; depois do último Degelo, alguns dos caminhos ainda estavam cheios de água, com profundidade suficiente para caiaques e barcos manobrados à vara. O ar era parado e frio e limpo; o sol subia por detrás das velhas torres do Não-Palácio, vermelho como sangue, e todas as águas e janelas da cidade refletiam escarlate e dourado. Na oficina sentia-se o cheiro doce e penetrante de madeira acabada de cortar e a companhia de pessoas adultas,

trabalhadoras, pacientes e exigentes que me levavam a sério. Eu já não sou nenhuma criança, dizia a mim mesma. Era adulta, uma pessoa que trabalha.

Mas por que tinha eu sempre vontade de chorar? Por que tinha eu vontade de estar sempre a dormir? Por que me zanguei eu com o Sether? Por que é que o Sether continuava a dar-me a dizer, “oh desculpa” naquela voz estúpida e rouca? Por que era eu tão desastrada com o grande torno mecânico que cheguei até a estragar seis pernas de cadeiras, uma atrás da outra?

— Tirem essa miúda do torno mecânico – gritou o velho Marth, e eu afastei-me numa fúria de humilhação. Eu nunca seria carpinteira, nunca seria adulta. De qualquer modo, quem se importava com a merda de pernas de cadeiras?

— Quero trabalhar nos jardins – disse à minha mãe e à minha avó.

— Acaba o teu curso e podes trabalhar nos jardins no próximo verão – disse a Avó e a Mãe acenou. Este conselho sensato soou-me a injustiça sem dó, uma falha de amor, uma condenação ao desespero. Amuei. Enchi-me de raiva.

— O que há de errado com a oficina de móveis? – perguntaram os mais velhos depois de dias de amuos e acessos de raiva.

— Por que é que o estúpido do Sether tem de lá estar? – gritei.

A Dory, que era mãe do Sether, ergueu um sobrolho em trejeito de espanto e sorriu.

— Estás bem? – perguntou a minha mãe enquanto eu me arrastava para a varanda depois do trabalho e rosnava:

— Estou – e apressava-me para a casa de banho e vomitava.

Estava doente. Doíam-me sempre as costas. Doía-me a cabeça, sentia-a tonta e pesada. Doía-me alguma coisa que não sabia localizar, uma parte da minha alma, afligia-me uma aguda, desoladora e incessante dor. Tinha medo de mim mesma: das minhas lágrimas, da minha raiva, da minha doença, do meu corpo desastrado. Não o sentia como o meu corpo, como eu. Parecia outra coisa, um trapo que me assentava mal, um casacão pesado e mal cheiroso que pertencia a uma pessoa idosa, a uma pessoa morta. Não era meu, não era eu. Pequenas agulhas de agonia espetavam-se nos meus mamilos, quentes como fogo. Quando me comecei a retrain e a cruzar os braços sobre o peito, percebi que toda a gente podia ver o que se estava a passar. Qualquer um conseguia sentir o meu cheiro. Cheirava a azedo, forte, como sangue, como peles de animais por curtir. O meu clitopénis inchava imenso e saíra de entre os lábios e depois encolhera até ficar quase em nada e por isso doía-me ao mijar. Fiquei cheia de comichão

nos lábios que ficaram vermelhos, asquerosos, como se picados por inseto. No fundo da minha barriga algo se mexeu, um crescimento monstruoso. Estava tão envergonhada. Estava a morrer.

— Sov – disse a minha mãe, sentada à minha cabeceira com um sorriso curioso, carinhoso e cúmplice –, escolhemos o teu dia de *kemmer*?

— Não estou no *kemmer* – disse eu com veemência.

— Não – disse a Guyr –. Mas creio que vais estar no próximo mês.

— *Não* vou estar nada!

A minha mãe afagou o meu cabelo e a cara e o braço. “Moldamo-nos uns aos outros para sermos humanos” diziam os mais velhos enquanto afagavam os bebés ou crianças ou se afagavam uns aos outros com longas e demoradas carícias.

Ao fim de algum tempo, a minha mãe disse:

— O Sether também vai estar. Mas mais ou menos um mês mais tarde que tu, acho. A Dory disse para termos um duplo dia de *kemmer*, mas eu acho que deves ter o teu próprio dia quando quiseres.

Rebentei em lágrimas e gritei:

— Não quero, não quero, só quero, só quero desaparecer.

— Sov – disse a minha mãe –, se quiseres podes ir à casa de *kemmer* em Gerodda Ereb, onde não conheces ninguém. Mas acho que seria melhor aqui, onde as pessoas te conhecem. Elas haviam de gostar. Havia de ficar tão contentes por ti. Oh, a tua Avó está tão orgulhosa de ti. “Já viste a minha neta, a Sov, já viste que beleza, que *mahad*!” Está toda a gente cheia de ouvir falar de ti.

Mahad é uma palavra de um dialeto, uma palavra Rer; significa forte, bonito, generoso, pessoa honrada, uma pessoa de confiança. A mandona da mãe da minha mãe, que dava ordens e agradecia, mas nunca elogiava, dissera que eu era uma *mahad*? Uma ideia aterradora que me secou as lágrimas.

— Está bem – disse eu desesperada –. Aqui. Mas não no próximo mês. Não é. Não estou.

— Deixa-me ver – disse a minha mãe.

Furiosa e envergonhada, porém aliviada por obedecer, levantei-me e desci as calças.

A minha mãe deu uma olhadela rápida e delicada, abraçou-me e disse:

— No próximo mês, sim, tenho a certeza. Vais sentir-te melhor dentro de um ou dois dias. E no próximo mês será diferente. Será mesmo.

Claro está, no dia seguinte a dor de cabeça e a comichão quente haviam desaparecido, e apesar de ainda estar cansada e sonolenta a maior parte do tempo, não estava tão estúpida e desastrada no trabalho. Depois de mais alguns dias, já me sentia eu própria, leve e desenvolta de pernas e braços. Só se pensasse nisso é que sentia uma coisa esquisita que não estava em nenhuma parte do meu corpo e que às vezes era muito dolorosa e outras vezes apenas estranha, quase uma coisa que eu queria sentir outra vez.

O meu primo Sether e eu fôramos ao mesmo tempo aprendizes na oficina de móveis. Não íamos juntos para o trabalho porque o Seth ainda mancava ligeiramente por causa daquele truque da corda uns anos antes e tinha boleia para o trabalho num barco manobrado à vara quando havia água nas ruas. Quando fecharam as Comportas de Arre e os caminhos secaram, o Sether teve de ir a pé. Então íamos os dois a pé. Nos primeiros dois dias não falámos muito. Ainda me sentia zangada com o Sether porque eu já não podia correr pelo amanhecer fora e tinha de andar ao ritmo lento da sua perna manca. E porque o Sether estava sempre por perto. Sempre lá. Mais alto do que eu e mais rápido no torno mecânico e com aquele cabelo comprido, pesado e brilhante. De qualquer forma, por que é que alguém haveria de usar o cabelo tão comprido? Sentia-me como se o cabelo do Sether estivesse à frente dos meus próprios olhos.

Caminhávamos para casa, cansados, numa tarde quente de Ockre, o primeiro mês do verão. Vi que o Sether mancava e que tentava esconder ou ignorar, balançando-se para tentar acompanhar o meu passo apressado, muito direito, de ar carrancudo. Fui assolada por uma grande onda de pena e admiração e aquela coisa, aquele crescimento, aquele novo ser, o que quer que fosse nas minhas entranhas e no fundo da minha alma, mexeu-se e remexeu-se, virei-me para o Seth em dor, ânsia:

— Estás a entrar no *kemmer*? – disse eu num tom rouco e áspero que eu nunca antes ouvira sair da minha boca.

— Dentro de dois meses – disse o Sether num murmúrio sem olhar para mim e ainda muito rijo e carrancudo.

— Acho que eu vou ter de ter isto, fazer isto, tu sabes, esta coisa, muito em breve.

— Quem me dera poder – disse o Sether –, acabar de vez com isto.

Não olhámos um para o outro. Aos poucos, disfarçadamente, fui abrandando o meu passo até irmos lado a lado numa caminhada vagarosa.

— Sentes que às vezes as tuas mamas estão a arder? – perguntei sem saber que ia dizer alguma coisa.

O Sether acenou. Depois de algum tempo o Sether disse:

— Olha, o teu mijador fica...

Eu confirmei, acenando com a cabeça.

— Deve ser assim que os alienígenas são – disse o Sether com repulsa –. Isto, esta coisa saliente, fica tão *grande*... estorva tanto.

Trocámos e comparámos sintomas durante mais ou menos um quilómetro e meio. Era um alívio falar sobre isso, encontrar companhia na tristeza, mas era também assustador ouvir a nossa tristeza confirmada pelo outro. O Sether rebentou:

— Eu digo-te o que odeio, o que *realmente* odeio nisto: é desumano. Ser gozado pelo teu próprio corpo, perder o controlo, não suporto a ideia de ser uma máquina de sexo. E toda a gente se torna numa coisa com a qual se tem sexo. Sabias que as pessoas que estão no *kemmer* ficam malucas e *morrem* se não houver mais ninguém no *kemmer*? Que até atacam pessoas no *somer*? As suas próprias mães?

— Não podem... – disse eu, chocada.

— Podem sim. O Tharry contou-me. Um camionista de lá do Alto de Kargav entrou no *kemmer* como homem quando a caravana deles ficou presa na neve e ele era grande e forte e ficou maluco e ele, ele fê-lo ao seu companheiro de cabine e esse companheiro de cabine estava no *somer* e ficou ferido, muito ferido, a tentar defender-se. Então o camionista saiu do *kemmer* e cometeu suicídio.

Esta história horrível trouxe de volta a agonia do fundo do meu estômago e não consegui dizer nada.

O Sether continuou:

— As pessoas no *kemmer* nem sequer são humanas! E temos de fazer isto... ser assim!

Aquele medo horrível e desolador estava agora a descoberto. Mas não era um alívio dizê-lo. Dito era ainda maior e mais terrível.

— É estúpido – disse o Sether –. É uma estratégia primitiva para perpetuar a espécie. Não há necessidade de pessoas civilizadas passarem por isto. As pessoas que querem engravidar poderiam fazê-lo com injeções. Seria geneticamente saudável. Poderíamos escolher o progenitor do nosso filho. Não haveria toda esta endogamia, pessoas a foder os irmãos como animais. Por que é que temos de ser animais?

A raiva do Sether mexeu comigo. Partilhei-a. Também me senti chocada e excitada pela palavra “foder” que eu nunca tinha ouvido antes dizer. Olhei de novo para o meu primo, a face magra e corada, o cabelo pesado, comprido e brilhante. Da minha

idade, Seth parecia mais velho. Meio ano de sofrimento por causa de uma perna despedaçada havia enegrecido e amadurecido aquela criança aventureira e travessa, ensinando fúria, orgulho, resistência.

— Sether – disse eu –, ouve, não interessa, és humano mesmo que tenhas de fazer essa coisa, isso de foder. Tu és um *mahad*.

— Getheny Kus – disse a Avó. O primeiro dia do mês de Kus, o dia do solstício.

— Não vou estar preparada – disse eu.

— Vais estar preparada.

— Quero entrar no *kemmer* com o Sether.

— O Sether ainda tem um mês ou dois pela frente. Em breve. Parece porém que vocês estão na mesma fase da lua. São do lado negro da lua, vocês os dois, ein? Também eu era. Deixem-se então ficar no mesmo comprimento de onda, tu e o Sether.

A Avó nunca me tinha sorrido daquela maneira, um sorriso de inclusão, como se eu fosse um semelhante.

A mãe da minha mãe tinha sessenta anos, era baixa, morena, de ancas largas, com olhos claros e brilhantes, pedreira de profissão, uma inquestionável autocrata no Clã. Eu, semelhante a esta pessoa formidável? Era o meu primeiro indício de que estava a tornar-me mais, em vez de menos, humana.

— Eu gostaria – disse a avó –, que passasses este meio mês no Retiro. Mas é contigo.

— No Retiro? – disse eu, apanhada de surpresa.

Nós, os Thades, éramos todos Handdara, mas uns Handdara muito inertes, mantendo apenas os grandes festejos, murmurando as graças em apenas uma palavra distorcida, praticando nenhuma das doutrinas. Nenhum dos meus irmãos de Clã havia sido enviado para o Retiro antes do seu dia de *kemmer*. Haveria algo de errado comigo?

— Têm uma boa cabeça – disse a avó –, tu e o Sether. Ainda gostava um dia destes de vos ver quebrar as regras. Nós, os Thades, ficamos aqui no nosso Clã-Lar e procriamos como *pesthry*. Será suficiente? Seria bom se alguns de vós tirassem a cabeça do travesseiro.

— O que é que fazem no Retiro? – perguntei, e a avó respondeu com franqueza.

— Não sei. Vai lá e descobre. Eles ensinam-te. Podem ensinar-te a controlar o *kemmer*.

— Está bem – disse prontamente.

Diria ao Sether que os Praticantes podiam controlar o *kemmer*. Talvez eu pudesse aprender a fazê-lo, vir para casa e ensiná-lo ao Sether.

A avó olhou para mim com aprovação. Eu aceitara o desafio.

Claro que não aprendi a controlar o *kemmer* em meio mês no Retiro. Nos primeiros dois dias que lá estive, pensei que não ia sequer ser capaz de controlar as saudades de casa. Do nosso quente e escuro labirinto de quartos cheios de pessoas a falar, a dormir, a comer, a cozinhar, a lavar, a jogar *remma*, a tocar música, miúdos a correr, barulho, família, atravessei a cidade para uma casa gigantesca, limpa, fria, silenciosa e cheia de estranhos. Eram cordiais, tratavam-me com respeito. Estava apavorada. Porque haveria uma pessoa na casa dos quarenta, que sabia disciplinas mágicas de força e coragem sobre-humanas, que podia andar descalça nas tempestades, que podia Prever, cujos olhos eram os mais sábios e calmos que alguma vez eu havia visto, por que haveria um Mestre em Handdarade me respeitar?

— Porque tu és tão ignorante – disse Ranharrer, o Mestre, a sorrir com uma enorme ternura.

Como me tinham apenas por meio mês, não tentaram influenciar muito a natureza da minha ignorância. Pratiquei o Não-Transe várias horas por dia e vim a gostar: isso já era o bastante para eles, e elogiaram-me:

— Aos catorze anos a maioria das pessoas enlouquece ao ir devagar – disse o meu professor.

Durante os meus últimos seis ou sete dias no Retiro, certos sintomas voltaram a aparecer, a dor de cabeça, os inchaços e dores agudas, a irritabilidade. Uma manhã, o lençol da minha cama desdobrável no meu pequeno quarto vazio e tranquilo, estava manchado de sangue. Olhei para a mancha com horror e nojo. Pensei que tinha coçado os lábios com a comichão até sangrar enquanto dormia, porém também sabia o que o sangue era. Comecei a chorar. Tinha de arranjar maneira de lavar o lençol. Havia conspurcado, manchado este sítio onde tudo era limpo, austero e bonito.

Um velho Praticante, encontrando-me a esfregar desesperadamente o lençol nos lavabos, nada disse mas trouxe-me um sabão que dissolveu a mancha. Voltei para o meu quarto, que tinha vindo a amar com a paixão de quem nunca havia conhecido uma verdadeira privacidade e aninhei-me na cama sem lençol, miserável, verificando a todo o minuto se não estaria a sangrar outra vez. Sentia falta de praticar o meu Não-Transe. Aquela casa imensa estava muito silenciosa. A sua paz afundou-se de novo em mim. De novo, senti aquela estranheza na minha alma, mas agora não era dor; era desolação,

como o ar da tarde, como os picos de Kargav vistos ao longe no oeste na claridade do inverno. Era um aumento imenso.

Ranharrer, o Mestre, bateu e entrou à minha ordem, olhou para mim um minuto e perguntou com gentileza:

— O que se passa?

— É tudo estranho – disse eu.

O Mestre sorriu radiante e disse:

— Sim.

Agora sei como Ranharrer estimava e honrava a minha ignorância, no sentido Handdara. Na altura, sabia apenas que, de uma maneira ou de outra, eu havia dito a coisa certa e assim agradado à pessoa a quem eu tanto queria agradar.

— Vamos cantar – disse Ranharrer – eras capaz de gostar de ouvir.

Estavam de facto a cantar o Cântico de Solstício, que dura os quatro dias anteriores ao Getheny Kus, dia e noite. Cantores e tambores entram e saem à vontade, a maioria a cantar em certas sílabas num interminável o improvisado em grupo, guiado apenas pelos tambores e por indicações melódicas do Livro de Cânticos e entrando em harmonia com o solista, se houvesse algum presente. De início, ouvi apenas um som monótono, de uma textura agradavelmente espessa e por cima de uma batida calma e subtil. Ouvi até me aborrecer e decidir que também o poderia fazer. Então abri a boca e cantei “aah” e ouvi todas as outras vozes a cantar “aah” acima e com a minha e abaixo da minha até deixar de ouvir a minha e ouvindo apenas as vozes todas, depois apenas a música, e depois a entrada surpreendente de uma única voz brilhante subindo a onda contra a corrente, e afundando-se nela e desaparecendo e erguendo-se dela outra vez. Ranharrer tocou no meu braço. Era hora de jantar e eu havia estado a cantar desde a terceira hora. Voltei às cantorias depois de jantar e depois da ceia. Passei lá os três dias seguintes. Teria passado também lá as noites se me tivessem deixado. Já não estava de todo sonolenta. De repente sentia uma energia súbita e interminável e não conseguia dormir. No meu pequeno quarto, cantava para mim mesma ou lia a poesia estranha de Handdara, que era o único livro que me haviam dado, e praticava o Não-Transe, tentando ignorar o calor ou o frio, o fogo e o gelo no meu corpo até amanhecer e poder cantar de novo.

E assim chegou o Ottormenbod, a véspera do Solstício, e eu tive de ir para casa para o meu Clã e a casa de *kemmer*.

Para minha surpresa, a minha mãe e avó e todas as mais velhas do Clã vieram ao Retiro buscar-me com ar solene usando hábitos cerimoniais. Ranharrer entregou-me a elas dizendo-me apenas:

— Volta para nós.

A minha família fez-me ir em desfile pelas ruas numa manhã quente de verão; todas as vinhas estavam em flor perfumando o ar, todos os jardins floresciam, davam bagas e frutos.

— Esta é uma excelente altura – disse a Avó de forma avisada –, para entrar no *kemmer*.

Depois do Retiro, o Clã parecia-me muito sombrio e de alguma forma mais pequeno. Olhei à volta à procura do Sether, mas era dia de trabalho, o Sether estava na loja. Tive a sensação de ser feriado, o que não era nada desagradável. E então, lá em cima no quarto do nosso andar, a Avó e as pessoas mais velhas presentearam-me formalmente com um novo conjunto de roupas, tudo novo, das botas para cima, acabando num magnífico *hieb* bordado. Havia um ritual falado a acompanhar as roupas novas, não Handdara, acho eu, mas uma tradição do nosso Clã; as palavras eram antigas e estranhas, uma linguagem de há milhares de anos. A avó metralhava-as como alguém que cuspiam pedras e pôs o *hieb* nos meus ombros. Toda a gente disse “Haya!”

Todos os mais velhos e muitos miúdos mais novos andavam à minha volta para me ajudar a vestir as roupas novas como se eu fosse um rei ou um bebé e algumas das mais velhas queriam dar-me um conselho. “Último conselho” era o que lhe chamavam, visto que se ganha *shifgrethor* ao entrar no *kemmer* e, quando se tem *shifgrethor*, aconselhar é um insulto.

— Agora mantém-te afastada daquele velho *Ebbeche* – disse uma delas num tom estridente.

A minha mãe ofendeu-se e ripostou:

— Fica com as tuas sombras só para ti, Tadsh!

E para mim:

— Não ouças o peixe velho. Linguaruda, Tadsh. Mas agora ouve-me Sov.

Mas ouvi. Guyr havia-me retirado para o lado, longe dos outros, e falou em tom grave, com algum embaraço.

— Lembra-te, importa com quem vais estar primeiro.

Acenei com a cabeça.

— Eu compreendo – disse eu.

— Não, não compreendes, – ripostou a minha mãe esquecendo o embaraço –. Lembra-te sempre disso!

— E se, ah – a minha mãe esperou –, e se... e se eu for como... como mulher – disse eu –, eu não... não devia...?

— Ah! – disse Guyr – Não te preocupes. Ainda falta um ano ou mais até poderes conceber. Ou procriar. Não te preocupes. Não te preocupes desta vez. As outras pessoas vão estar atentas, por precaução. Todos sabem que é o teu primeiro *kemmer*. Mas não te esqueças com quem estás primeiro. Entre, oh, entre os Karrid e *Ebbeche* e alguns daqueles.

— Vamos! – gritou a Dory, e entramos na procissão outra vez para descer as escadas e atravessar o corredor central onde todos gritaram:

— Haya Sov! Haya Sov!

Os cozinheiros batiam nas panelas. Queria morrer. Mas pareciam todos tão animados, tão felizes por mim, a desejar-me bem; também queria viver.

Sáímos pela porta oeste, atravessámos os jardins solarengos e fomos à casa de *kemmer*. Tage Ereb partilha a casa de *kemmer* com outros dois Clãs de Ereb; é um edifício lindo, todo talhado, com frisos ao estilo da Antiga Dinastia, terrivelmente gasto pela meteorologia em dois mil anos. Nos degraus de pedra vermelha, a minha família beijou-me e murmurou "Louvadas sejam as Trevas" ou "No ato de Criação, louva." E a minha mãe deu-me um empurrão nos ombros, aquilo a que chamam empurrão de trenó de boa sorte enquanto me virava e me dirigia à porta.

O Porteiro esperava-me; uma pessoa de aspeto estranho, um tanto curvado e de pele áspera e pálida.

Percebi então quem era esse tal "*Ebbeche*" de quem falavam. Nunca o encontrara, mas ouvira falar dele. Ele era o Porteiro da nossa Casa *kemmer*, um meio-morto – isto é, uma pessoa permanentemente no *kemmer*, como os alienígenas.

Aqui há sempre algumas pessoas que nascem assim. Alguns podem ser curados; aqueles que não podem ou escolhem não ser, normalmente vivem no Retiro e aprendem as disciplinas ou tornam-se Porteiros. É conveniente para eles e para as pessoas normais também. Afinal de contas, quem mais iria querer *viver* numa casa de *kemmer*? Mas há inconvenientes. Se vamos para a casa de *kemmer* em *thorharmen*, preparados para sermos homem ou mulher, e se a primeira pessoa que encontramos já é homem, as suas feromonas fazem-nos tornar mulher logo ali, fosse esse ou não o sexo que tínhamos em mente ser este mês. Os Porteiros responsáveis, claro, mantêm-se bem longe de quem

não os convida a chegar perto. Mas o *kemmer* permanente pode não levar a responsabilidade de caráter; ser chamado de *meio-morto* e *perverso* por toda a vida também não, imagino eu. A minha família não confiava obviamente no *Ebbeche* para manter as mãos e as feromonas longe de mim. Mas estavam a ser injustos. Ele honrava um primeiro *kemmer* tanto como todos os outros. Ele cumprimentou-me pelo nome e mostrou-me onde tirar as minhas botas novas. Depois começou a dizer o antigo ritual de boas-vindas, caminhando pelo corredor, de costas, à minha frente; era a primeira vez que ouvia aquelas palavras que iria ouvir tantas vezes por tantos anos.

Atravessas a terra agora

Atravessas a água agora

Atravessas o gelo agora

E o final fantástico, assim que nos aproximávamos no corredor central:

Juntos o gelo atravessamos

Juntos ao Sítio do Clã chegamos

Para a vida, trazendo vida!

No ato de criação, louva! Viva!

A solenidade das palavras comoveu-me e distraiu-me da minha intensa consciência própria. Como quando estava no Retiro, senti a segurança familiar de fazer parte de algo muitíssimo mais antigo e maior do que eu, mesmo sendo estranho e novo para mim. Tenho de me entregar a isto e ser o que isto me tornou. Ao mesmo tempo estava em alerta máximo. Todos os meus sentidos estavam extraordinariamente despertados como haviam estado toda a manhã. Estava consciente de tudo, o lindo azul das paredes, a leveza e o vigor dos meus passos enquanto caminhava, a textura da madeira por baixo dos meus pés descalços, o som e o significado das palavras do ritual, o próprio Porteiro. Ele fascinava-me. *Ebbeche* não era, de facto bonito, mas ainda assim notei quão musical era a sua profunda voz; e peles claras eram bem mais atraentes do que eu pensava. Sentia que ele havia sido amaldiçoado, que a sua vida devia ser estranha. Queria falar com ele. Porém, assim que ele terminou as boas-vindas, parado ao meu lado à entrada do corredor central, uma pessoa alta avançou desejosa por me conhecer.

Fiquei contente por ver uma cara familiar: era o cozinheiro principal do meu Clã, Karrid Arrage. Como todos os cozinheiros, pessoas um tanto agressivas e temperamentais, Karrid muitas vezes reparara em mim, fazendo-me destacar, de maneira provocatória e brincalhona, sacudindo-me com delicadeza:

— Aqui, jovem! Põe alguma carne nos ossos!

Assim que vi Karrid, tomei consciência de uma grande e extraordinária multiplicidade de factos: que o Karrid estava nu e que a sua nudez não era como a nudez no nosso Clã, mas uma nudez significativa; que ele não era o Karrid que eu vira antes, mas que se transfigurara numa grande beleza; que ele era *ele* sobre quem a minha mãe me avisara; que queria tocar-lhe; que tinha medo dele.

Pegou em mim e apertou-me contra ele. Senti o seu clitopénis como um punho entre as minhas pernas.

— Calma lá – disse-lhe o porteiro, e outras pessoas avançaram pela sala que eu conseguia ver como larga, à meia-luz, cheia de sombras e névoa.

— Não te preocupes, não te preocupes – disse o Karrid, para mim e para eles, numa grande gargalhada –, não vou magoar o meu procriador pois não? Só quero ser quem lhe dá o *kemmer*. Como mulher, como uma Thade como deve ser. Quero dar-te essa alegria, pequena Sov.

Ele ia-me despindo enquanto falava, tirando-me o meu *hieb* e camisola com as mãos grandes, quentes, apressadas. O Porteiro e os outros observavam de perto, mas não interferiram. Senti-me totalmente indefesa, desarmada, humilhada. Lutei para me libertar, soltei-me e tentei pegar e vestir a minha camisola. Tremia e sentia-me terrivelmente fraca, mal me mantinha de pé. Karrid ajudou-me, desajeitado; segurava-me com o seu grande braço. Inclinei-me para ele, sentindo a sua pele quente contra a minha, um sentimento maravilhoso, como a luz do sol, como a luz do fogo. Inclinei-me ainda mais para ele, levantando os braços para que os nossos lados se tocassem.

— Ora pois – disse ele – oh minha linda... Oh, tu Sov... Aqui, levem-na daqui, isto não vai resultar!

E afastou-se logo de mim, a rir, e contudo, muito alarmado, o *clitopénis* surpreendentemente ereto. Fiquei ali meio despida, com as pernas frouxas, perplexa. Tinha os olhos cheios de névoa, não conseguia ver nada com clareza.

— Anda daí – disse alguém que pegou na minha mão, um toque suave, frio, completamente diferente do fogo da pele do Karrid. Era uma pessoa de um dos outros Clãs, não sabia o nome dela. Parecia brilhar como ouro neste sítio escuro e enevoadado.

— Oh, estás a ir tão depressa – disse ela a rir e a apreciar-me e a consolar-me –. Anda daí, vamos para a piscina, vai com calma durante um bocado. O Karrid não devia ter-te abordado daquela maneira! Mas tens sorte, o primeiro *kemmer* como mulher, não há nada melhor. Eu entrei no *kemmer* três vezes como homem antes de ter entrado como mulher, fiquei tão zangada, de cada vez que entrava no *thorharmen* já todos os meus amigos eram mulheres. Não te preocupes comigo, eu diria que a influência do Karrid foi decisiva – e riu outra vez. – Oh, és tão bonita! E assim ela inclinou-se e lambeu-me os mamilos mesmo antes de eu saber o que ela estava a fazer.

Foi ótimo, arrefeceu-lhes aquele fogo ardente que mais nada conseguia arrefecer. Ela ajudou-me a despir o resto e entrámos juntas na água quente da grande piscina pouco profunda que enchia o centro desta sala. Era por isso que era tão enevoadado e os ecos tão estranhos. A água tocou nas minhas coxas, no meu sexo, na minha barriga. Virei-me para a minha amiga e inclinei-me para a frente para a beijar. Era uma coisa perfeitamente natural de se fazer, era o que ela queria e eu queria, e eu queria que ela me lambesse e sugasse os mamilos outra vez, e ela fê-lo. Durante muito tempo, ficámos nas águas pouco profundas a brincar e eu teria ficado a brincar para sempre. Mas então outra pessoa juntou-se a nós, apoderou-se da minha amiga por trás e ela arqueou o corpo na água como um peixe-dourado a saltar, inclinou a cabeça para trás e começou a brincar com ele.

Saí da água e sequei-me, sentindo-me triste e envergonhada e esquecida e ainda assim extremamente interessada no que havia acontecido ao meu corpo. Sentia-o vivo e elétrico, tanto que a aspereza da toalha me fez arrepiar de prazer. Alguém se havia aproximado de mim, alguém que me havia visto brincar com a minha amiga na água. Sentou-se ao pé de mim.

Era um companheiro de clã, uns anos mais velho do que eu, Arrad Tehemmy. Eu havia trabalhado nos jardins com o Arrad todo o verão passado e gostara dele. Parecia-se com o Sether, achava agora, com cabelo preto e pesado, rosto comprido e magro, mas havia nele aquele brilho, aquele esplendor que todos têm aqui – todos no *kemmer*, as *mulheres*, os *homens* – uma beleza tão vívida que eu nunca havia visto em nenhum ser humano.

— Sov – disse ele –, eu gostaria... O teu primeiro... Queres...

As mãos dele já estavam em mim e as minhas nele.

— Anda – disse ele.

E eu fui. Levou-me para um pequeno quarto muito bonito onde não havia nada senão fogo a arder numa lareira e uma cama larga. Ali o Arrad pegou-me em braços e eu abracei-o com os meus e depois com as pernas e caí, caí em direção à luz dourada.

Arrad e eu estivemos juntos durante toda a primeira noite e para além de termos fodido bastante também comemos bastante. Não me ocorrera que haveria comida na casa de *kemmer*; pensei que não nos seria permitido mais nada senão foder. Havia imensa comida muito boa, posta na mesa para que pudéssemos comer quando quiséssemos. A bebida era mais limitada; a pessoa encarregada, uma mulher velha, meia-morta, mantinha o seu olho atento em nós e não nos dava mais cerveja se mostrássemos sinais de estarmos a ficar selvagens ou estúpidos. Eu não precisava de mais cerveja. Não precisava de foder mais. Estava completa. Estava apaixonada para sempre, para todos os tempos, para toda a vida, para a eternidade, pelo Arrad. Mas o Arrad (que estava adiantado um dia no *kemmer* em relação a mim) adormeceu e não acordava, e então alguém extraordinário chamado Hama sentou-se à minha beira e pôs-se a falar e a percorrer as minhas costas com a mão, para acima e para baixo, de uma maneira absolutamente deliciosa, por isso não demorou muito a que nos tivéssemos enrolado e começado a foder, e foi totalmente diferente com o Hama do que fora com o Arrad, pelo que percebi que se calhar estava apaixonada pelo Hama, até o Gehardar se ter juntado a nós. Depois disso acho que comecei a perceber que os amava a todos, e todos me amavam a mim, e era esse o segredo da casa de *kemmer*.

Já lá vão quase cinquenta anos, e tenho de admitir que não me lembro de todos do meu primeiro *kemmer*; apenas o Karrid e o Arrad, o Hama e o Gehardar, o velho Tubanny, o mais delicado e dotado amante enquanto homem que alguma vez conheci (encontrei-o muitas vezes em *kemmers* posteriores), e a Berre, a minha peixe-dourado com quem acabei a fazer um amor lento, abençoado e em paz à frente da grande lareira até adormecermos. E quando acordámos, não éramos mulheres. Não éramos homens. Já não estávamos no *kemmer*. Éramos apenas jovens adultas muito cansadas.

— Continuas a ser muito bonita – disse à Berre.

— Tu também – disse Berre –. Onde trabalhas?

— Loja de mobília. Terceira Ala.

Tentei lambar o mamilo da Berre, mas não resultou; ela encolheu-se um pouco, eu disse “desculpa” e ambas rimos.

— Eu estou no negócio dos rádios – disse Berre. – Alguma vez pensaste em tentar?

— Fazer rádios?

— Não, fazer emissões. Eu faço as notícias da Hora Quatro e o tempo.

— És tu? – disse eu, pasmada.

— Aparece pela torre um dia destes, faço-te uma visita guiada – disse Berre.

Foi assim que encontrei a profissão da minha vida e uma amiga para a vida. Como tentei explicar ao Sether quando voltei, o *kemmer* não é exatamente o que pensávamos que era; é muito mais complicado.

O primeiro *kemmer* do Sether foi em Getheny Gor, o primeiro dia do primeiro mês de outono, no lado negro da lua. Alguém da família fez o Sether entrar como mulher e o Sether influenciou-me a mim. Foi a primeira vez que entrei como homem. Ficámos no mesmo comprimento de onda, como a avó dizia. Nunca concebemos juntos, sendo primos e tendo escrúpulos modernos, mas fizemos amor em todas as combinações, no lado negro da lua, durante anos. E o Sether fez o meu filho, Tamor, entrar no primeiro *kemmer* – como mulher, como uma verdadeira Thade.

Mais tarde, o Sether foi para a Handdara e tornou-se um Praticante no velho Retiro e é agora Mestre. Vou lá muitas vezes juntar-me a um dos Cânticos ou praticar o Não-Transe ou só de visita, e de vez em quando o Sether volta ao Clã. E conversamos. Os velhos tempos ou os novos dias, *somer* ou *kemmer*, amor é amor.

“AMOR NÃO-ESCOLHIDO”

Introdução

Por Heokad'd Arhe da Quinta Inanan da Vila Tag da Bacia Hidrográfica a Sudoeste do Rio Budran em Okets no Planeta O.

Sexo, para qualquer um, em todos os mundos, é um assunto complicado, mas ninguém parece ter um casamento tão complicado como o meu povo. Para nós, claro, parece simples e tão natural que chega a ser ridículo descrevê-lo, é como tentar descrever como andamos ou respiramos. Bem, vocês sabem, fica-se sobre uma perna e move-se a outra para a frente; deixamos o ar entrar nos pulmões e depois deixamos sair... casamos com um homem e uma mulher da outra metade.

— O que é uma metade? – perguntou-me um Getheniano e apercebi-me de que é mais fácil para mim imaginar que não sei de que sexo vou ser amanhã, como os Getheniano, do que imaginar não saber se sou uma pessoa da Manhã ou da Tarde. Tão completa, tão universal, a divisão da humanidade – como poderá existir uma sociedade sem ela? Como é que se sabe o que são as pessoas? Como se pode venerar sem haver alguém que pergunte e alguém que responda, alguém para servir bebida e alguém para beber? Como será emparelhar-se indiscriminadamente sem se ter em atenção o incesto? Tenho de admitir que, bem lá atrás do meu cérebro, no fundo não varrido e não iluminado, concordava com o meu tio-avô, Gambat, que dizia:

— Os de fora do mundo, todos eles se tentam manter de pé numa só perna. Duas pernas, dois sexos, duas metades – só isso faz sentido!

Uma metade é metade da população. Chamamos às nossas duas metades Manhã e Tarde. Se a nossa mãe é uma mulher da Manhã, somos pessoas da Manhã e todas as pessoas da Manhã são, de certa forma, nossos irmãos e irmãs. Temos sexo, casamos, temos filhos apenas com pessoas da Tarde.

Quando expliquei o nosso conceito de incesto a uma colega estudante em Hain, ela disse, chocada:

— Mas isso significa que não podes ter sexo com metade da população!

E eu, por minha, vez disse, chocado:

— E tu *queres* ter sexo com metade da população?

As metades não são de facto, uma estrutura social invulgar no *Ecuménio*. Já tive conversas agradáveis com pessoas de várias sociedades bipartidas. Uma delas, uma

Mulher Nadir de Umna em Ithsh, acenou com a cabeça e riu quando lhe contei a opinião do meu tio-avô.

— Mas vocês *ki'O* – disse ela –, vocês casam com base em quatro membros.

Poucas pessoas de outros mundos estão dispostas a acreditar que a nossa forma de casamento funcione. Preferem pensar que nos limitamos a aguentar. Esquecem-se de que os seres humanos, entre lamúrias, na busca por vidas simples, prosperam em complexidade.

Quando me casar – por amor, por estabilidade, por filhos –, casar-me-ei com três pessoas. Sou um homem da Manhã, caso com uma mulher da Tarde e um homem da Tarde, com os quais tenho relações sexuais, e uma Mulher da Manhã com quem não tenho qualquer relação sexual. As suas relações sexuais são com o homem da Tarde e com a mulher da Tarde. A todo este casamento chamamos *sedoretu*. Dentro dele existem quatro *subcasamentos*: os dois pares heterossexuais chamam-se Manhã e Tarde, de acordo com a metade a que pertence a mulher; o par homossexual de homens chama-se casamento da Noite e o par homossexual de mulheres chama-se Dia.

Irmãos e irmãs das quatro pessoas principais podem juntar-se ao *sedoretu*, o que faz com que o número de pessoas no casamento seja por vezes de seis ou sete. Os filhos estão de várias maneiras relacionados como irmãos, germanos e primos.

É claro que o *sedoretu* requer alguma organização. Passamos muito do nosso tempo a organizá-los. A forma como o casamento se alicerça em amor, e em que casais o amor é mais forte, e a forma como se alicerça em conveniência, costumes, lucro, amizade vai depender da tradição regional, do carácter individual e por aí em diante. As complexidades são tão evidentes que fico sempre surpreendido quando um fora-do-mundo vê, na relação múltipla, apenas o proibido e o ilícito.

— Como é que podes estar casado com três pessoas e nunca ter sexo com uma delas? – perguntam.

A pergunta deixa-me desconfortável. Parece partir do princípio que a sexualidade é uma força tão dominante que não pode ser contida ou moldada por qualquer outra relação. A maioria das sociedades espera que um pai e uma filha ou um irmão e irmã tenham uma relação não sexual, apesar de eu reconhecer que em algumas, a proibição do incesto é violada por pessoas que se apoiam no poder da idade e do sexo para a ignorar. É evidente que essas sociedades vêem os seres humanos como divididos em duas espécies, sendo o poder a divisão fundamental, e concedem a um dos géneros um poder superior. Para nós, a divisão fundamental é a metade; o género é uma

diferença importante, mas secundária; e na procura de poder ninguém parte de uma posição de privilégio inato. Isso leva certamente a que olhemos para as coisas de forma diferente.

A verdade é que as pessoas de *O* admiram a vida simples tanto como qualquer outra pessoa, e encontrámos a nossa própria maneira peculiar de a alcançar. Somos conservadores, convencionais, moralistas e aborrecidos. Desconfiamos da mudança e resistimos-lhe cegamente. Muitas casas, quintas e santuários de *O* estão no mesmo sítio e têm sido chamados pelo mesmo nome há cinquenta ou sessenta séculos, em alguns casos, por centenas de séculos. Temos vindo a fazer basicamente as mesmas coisas da mesma maneira há ainda mais tempo. É evidente que fazemos as coisas com cuidado. Honramos a contenção, muitas vezes ao ponto de acolhermos demónios, e somos ferozes na defesa da nossa privacidade. Desprezamos os que se destacam. Os nossos sábios não vivem em solidão, no topo das montanhas, vivem em casas de quintas, têm muitos familiares, e têm as contas em ordem. Não temos cidades, apenas vilas dispersas compostas por um grupo de quintas e um centro comunitário. Os centros de educação e tecnologia são financiados por cada região. Passamos bem sem deuses e, já há muito tempo, sem guerras. A pergunta que a maioria dos estranhos faz é:

— Nesses vossos casamentos, vão todos pra cama juntos?

E a resposta que damos é “não”.

Essa é, de facto, a resposta que tendemos a dar a qualquer pergunta de um estranho. É espantoso que nunca tenhamos entrado no *Ecuménio*. Estamos próximos de Hain – relativamente perto, 4,2 anos-luz – e os habitantes de Hain simplesmente continuaram a vir cá e a falar connosco durante séculos até que nos habituámos a eles e fomos capazes de dizer “Sim”. Os habitantes de Hain, claro está, são a nossa raça ancestral, mas a longevidade apática dos nossos costumes faz com que se sintam jovens e sem raízes e pomposos. É provavelmente por isso que gostam de nós.

AMOR NÃO-ESCOLHIDO

Havia um forte lá em baixo, perto da foz de Saduun, construído numa ilha de rocha que sobressai na grande planície batida pelas marés, a sul do local onde o rio se encontra com o mar. O mar costumava vir e rodopiar em redor da ilha, mas, à medida que Saduun foi lentamente construindo o seu delta ao longo dos séculos, apenas as

grandes marés a alcançaram, e depois apenas as marés de tempestade a alcançaram, e por fim o mar nunca mais chegou tão longe, mas ficou a brilhar ao longo da costa oeste.

Meruo nunca foi uma quinta. Construída numa rocha num sapal, era uma vila piscatória e vivia da pesca. Quando o mar recuava, as pessoas cavavam um túnel da base da rocha até à linha da maré. Com os anos, o mar recuou para mais longe, o canal cresceu em comprimento até se ter tornado um canal largo, com quase cinco quilómetros de comprimento. Subindo-o e descendo-o, os barcos de pesca e de comércio iam e vinham das docas de Meruo que se foram espalhando pela base rochosa da ilha. Mesmo ao lado das docas e do local onde se estendiam as redes e de onde se secava e congelava o peixe, começavam as pradarias de erva onde pastavam vastos rebanhos de *yama* e *baro*, que não voavam. Meruo arrendava essas pastagens a quintas da Vila de Sadahun nas colinas costeiras. Nenhum dos rebanhos pertencia a Meruo, cujo povo apenas olhava para o mar e cultivava apenas o mar e nunca caminhava se podia velejar. Mais do que a pesca, foram as pradarias que os enriqueceram, mas gastaram metade da fortuna em barcos e a escavar e a dragar o grande canal. “Atiramos o nosso dinheiro ao mar”, diziam.

Eram conhecidos como um grupo de gente arrogante, mantendo-se à parte da vila. Meruo era uma casa grande, muitas vezes com centenas de pessoas a viver lá, por isso, raramente faziam o *sedoretu* com pessoas da vila, mas casavam-se umas com as outras. “São todos germanos em Meruo”, diziam as pessoas da vila.

Um homem da Manhã do este de Oket veio para ficar em Sadahun para estudar a formação de sapais para a sua quinta na outra costa. Sucedede que encontrou na cidade um homem da Tarde de Meruo, chamado Suord, que estava lá para uma reunião. No dia seguinte lá veio Suord outra vez para o ver; e no outro dia também; e na quarta noite Suord já fazia amor com ele, arrebatando-o como uma onda de tempestade. O homem do leste, cujo nome era Hadri, era um jovem modesto e inexperiente para quem a viagem, pessoas e lugares estranhos que conheceu, significavam uma grande aventura. Deparou-se então com um dos estranhos loucamente apaixonado por ele, implorando-lhe que viesse para Meruo e que ficasse lá, vivesse lá:

— Faremos um *sedoretu* — disse Suord —. Há lá meia dúzia de raparigas da Tarde. Qualquer, qualquer uma, casaria-me-ia com qualquer mulher da Manhã só para ficar contigo. Vem, vem comigo, vem para o Rochedo!

Era, pois, assim que os habitantes de Meruo chamavam ao seu forte.

Hadri pensou que tinha obrigação para com Suord de fazer o que ele lhe pedia, visto que Suord o amava tão apaixonadamente. Encheu-se de coragem, fez as malas e pôs-se a caminho pelas imensas pradarias planas até ao sítio que ele vira o tempo todo como preto contra o céu, lá longe, os altos telhados de Meruo, curvados no rochedo acima das docas e armazéns e marina, as janelas desviadas a dar para longe da terra, olhando sempre pelo longo canal abaixo até ao mar que o abandonara.

Suord trouxe-o e apresentou-o à gente da casa e Hadri estava aterrorizado. Eram todos como Suord, pessoas escuras, bonitas, ferozes, abrutadas, intransigentes – tão parecidas que não conseguia distingui-las e confundiu a filha pela mãe, irmão por primo, Tarde por Manhã. Trataram-no com o mínimo de educação possível. Era um intruso. Tinham medo que Suord o tivesse trazido de vez para o meio deles. E assim o fez.

A paixão de Suord era tão intensa que Hadri, um espírito moderado, assumiu que desvaneceria em breve. “Fogos quentes não duram”, disse para si mesmo e confortou-se com o adágio. “Ele vai cansar-se de mim e eu posso ir embora” pensou, não em palavras. Mas ficou um mês e dez dias em Meruo, e Suord ardia, quente como nunca. Hadri viu também que entre os *sedoretu* na casa havia muitos pares apaixonados, tensões sexuais que os percorriam como uma rede de fios debaixo de terra, preenchendo o ar de faíscas e estalidos de eletricidade e alguns destes casamentos tinham anos.

Sentiu-se lisonjeado e maravilhado com o desejo insaciável, arrebatador e venerador de Suord por uma pessoa que Hadri estava habituado a considerar bastante comum. Sentia que a sua resposta a tal paixão nunca era suficiente. A beleza negra de Suord preenchia-lhe a mente e a sua mente fugia dali, procurando o vazio, um espaço para estar a sós. Em algumas noites, quando Suord se deitava pesado sobre a cama num sono profundo depois de ter feito amor, Hadri levantava-se nu, silencioso; ia sentar-se num banco à janela do quarto a olhar para o brilho do longo canal debaixo das estrelas. Por vezes, chorava em silêncio. Chorava porque estava em sofrimento, mas não sabia que sofrimento era.

Numa dessas noites, em pleno inverno, sentir-se dorido, corroído, como um animal debatendo-se numa armadilha, todos os seus nervos expostos, era mais do que podia aguentar. Vestiu-se com cuidado com medo de acordar Suord e saiu descalço do quarto para sair para a rua – “qualquer sítio fora de portas”, pensou. Sentia que não conseguia respirar.

A imensa casa era confusa na escuridão. Os sete *sedoretu* a viver nela tinham cada um uma ala ou piso ou suite de quartos, todos espaçosos. Nunca estivera nas regiões do Primeiro e Segundo *Sedoretu*, lá muito na ala sul, e ficava sempre confuso na parte central e antiga da casa, mas achava que conhecia o caminho por estes pisos a norte. “Este corredor”, pensou, “vai dar às escadas que dão para terra“. Apenas ia dar a umas escadas estreitas a subir. Subiu-as até um sótão enorme e sombrio e encontrou uma porta para o telhado.

Um longo caminho com gradeamento levava à ponta sul. Seguiu-o, os picos do telhado erguiam-se como montanhas negras à sua esquerda e as pradarias, os pântanos e assim que dava a volta para o lado oeste, o canal, vasto e baço sob a luz das estrelas. O ar era leve e húmido, cheirando a chuva que havia de vir. Uma névoa baixo vinha dos sapais. Enquanto observava, os seus braços no gradeamento, o nevoeiro adensou-se e esbranquiçou, escondendo os pântanos e o canal. Deu as boas-vindas a este nevoeiro leve, regenerador e ocultador, a esta lentidão da densidade. Foi tomado por uma pequena paz e consolo. Respirou fundo e pensou “Porquê, por que é que estou tão triste? Por que é que não amo o Suord como ele a mim? Por que é que ele me ama?”

Sentiu alguém perto de si e olhou à volta. Uma mulher saíra para o telhado e ficara apenas a uns centímetros de distância, os braços no gradeamento como os dele, descalça como ele, num vestido comprido. Quando virou a cabeça, ela virou a dela, olhando para ele.

Ela era uma das mulheres do Rochedo, a pele escura não engana, cabelo escuro e liso e um certo traço de sobrelanceira, maçãs do rosto, maxilar, mas qual delas era não tinha a certeza. Nas salas de jantar da ala norte havia conhecido um sem número de mulheres da Tarde na casa dos vinte, todas irmãs, primas ou germanas, todas solteiras. Tinha medo de todas elas porque Suord poderia pedir a uma delas que fosse sua mulher no *sedoretu*. Hadri era um pouco envergonhado sexualmente, e achou a diferença de sexos algo difícil de ultrapassar; havia achado o prazer e conforto maioritariamente com jovens rapazes, apesar de algumas mulheres o atraírem bastante. Estas mulheres de Meruo eram poderosamente atraentes, mas não se conseguia imaginar a tocar numa delas. Parte do sofrimento era causado pela frieza desconfiada das mulheres da Tarde, que deixavam sempre claro que ele era um forasteiro. Elas desprezavam-no e evitavam-no. Assim, não tinha certeza absoluta qual delas era Sasni, qual era Lamateo ou Savai ou Esbui.

Pensava que aquela era Esbui porque era alta, mas não tinha a certeza. A escuridão poderia servir de desculpa, visto que mal se conseguia distinguir os traços do rosto. Murmurou:

— Boa noite – e não disse nome.

Seguiu-se uma grande pausa e pensou, resignado, que a mulher de Meruo o ignoraria mesmo na morte da noite, no telhado.

Mas então ela disse:

— Boa noite – de mansinho, com um riso na voz, era uma voz leve que lhe ficou na mente como ficara o nevoeiro, ameno e fresco.

— Quem está aí? – Perguntou ela.

— Hadri – disse ele resignado. Agora ela sabia que era ele e havia de o desprezar.

— Hadri? Não és de cá.

Quem seria ela então? Ele disse o seu nome de origem.

— Sou de leste, das Cheias de Fadan. De visita.

— Estive fora – disse ela – acabei de regressar. Esta noite. Não está uma noite maravilhosa? De todas as noites, esta é a de que gosto mais, quando o nevoeiro se levanta, como se fosse o próprio mar.

De facto, as neblinas haviam-se juntado e subido tanto que Meruo, no seu rochedo, parecia flutuar, suspensa na escuridão sobre um vazio mal iluminado.

— Também gosto – disse ele –, estava a pensar... – e parou.

— O que foi? – perguntou ela um minuto depois, tão gentilmente que ele ganhou coragem e continuou.

— Estava a pensar que ser infeliz num quarto é pior do que ser infeliz fora de portas – disse ele com um riso infeliz e autoconsciente –. Pergunto-me por que será.

— Eu sabia – disse ela –, pela tua posição, aí de pé. Desculpa. De que... De que precisarias para te sentires mais feliz?

Num primeiro momento, ele achara-a mais velha do que ele, mas agora ela falava como uma jovem, ao mesmo tempo tímida e atrevida, algo desajeitada, doce. Era a escuridão e o nevoeiro que os fazia ambos atrevidos, que os libertava para que pudessem falar livremente.

— Não sei – disse ele –, acho que não sei estar apaixonado.

— Por que achas isso?

— Porque eu... é o Suord, ele trouxe-me para aqui – contou-lhe ele, tentando continuar a falar a verdade –. Eu amo-o mas não... não da maneira que ele merece.

— Suord – disse ela num tom pensativo.

— Ele é forte. Generoso. Dá-me tudo o que ele é, toda a sua vida. Mas eu não sou, não sou capaz de...

— Por que ficas então? – perguntou-lhe ela, não em tom de acusação, mas à procura de resposta.

— Eu amo-o – disse Hadri. – Não quero magoá-lo. Se eu fugir, serei um cobarde. Quero ser merecedor dele.

Foram quatro respostas separadas, cada uma proferida separadamente, em dor.

— Amor não-escolhido – disse ela numa ternura seca e dura –. Oh, é difícil.

Parecia já não uma rapariga, mas antes uma mulher que sabia o que era o amor. Enquanto falavam, haviam olhado ambos para a ala oeste, para cima do mar de neblina, pois era mais fácil falar nessa direção. Ela virou-se então para olhar novamente para ele. Ele estava ciente do olhar calmo, cravado nele no meio escuridão. Uma grande estrela brilhava, cintilante, entre a linha do telhado e a cabeça dela. Quando ela se voltou a mexer, a sua cabeça, redonda e escura, ocultou a estrela, e esta brilhou depois emaranhada nos seus cabelos, como se ela estivesse a usá-la no cabelo. Era uma coisa linda de se ver.

— Sempre pensei que escolheria o amor – disse ele por fim, com as palavras dela ainda a soar na sua cabeça –, escolheria um *sedoretu*, assentaria um dia perto da minha quinta. Nunca imaginei nada diferente. E depois vim aqui, para o fim do mundo... e não sei o que fazer. Fui escolhido, não posso escolher...

Havia uma certa auto-ironia no seu tom de voz.

— Este é um sítio esquisito – disse ele.

— Pois é – disse ela –, assim que tiveres visto a grande maré...

Ele vira-a uma vez. Suord havia-o levado para um promontório que ficava acima da planície aluvial do sul. Apesar de ser apenas a alguns quilómetros a oeste de Meruo, tiveram de ir à volta da ilha e depois voltar para oeste outra vez, e Hadri perguntou:

— Por que não podemos ir pela costa?

— Verás porquê – disse Suord.

Sentaram-se lá em cima na ponta rochosa a comer o piquenique, Suord sempre com um olho na lama castanha e cinzenta a estender-se ao longo do horizonte a oeste, infinita e deprimente, atenuada por alguns canais lodacentos e cheios de vermes.

— Aqui vem – disse ele, levantando-se.

E Hadri levantou-se para ver o brilho e ouvir o trovão lá ao longe, ver a linha brilhante que se aproximava, a incrível investida da maré pela imensa planície ao longo de vários quilómetros até desfazer-se em espuma nas rochas abaixo deles e inundar o terreno à volta do promontório.

— Bastante mais rápida do que conseguiríamos correr – disse Suord, com uma expressão empolgada e intensa –, era assim que costumava ser à volta do nosso Rochedo. Nos velhos tempos.

— Estamos aqui presos? – perguntara Hadri e Suord respondera:

— Não, mas quem me dera que estivéssemos.

Agora que pensava nisso, Hadri imaginava o mar vasto debaixo do nevoeiro por toda a volta de Meruo, batendo nas rochas debaixo dos muros. Como fora nos velhos tempos.

— Suponho que as marés isolem Meruo do resto do continente – disse ele.

E então ela disse:

— Sim, duas vezes por dia.

— Estranho – murmurou, e ouviu-a inspirar por entre um ligeiro riso.

— De todo – disse ela –, não, se tiveres nascido aqui. Sabias que os bebés nascem e os moribundos morrem durante aquilo a que chamam a calma? O ponto mais baixo da maré vaza da manhã.

A voz e palavras dela fizeram com que ele sentisse o coração retesar-se dentro dele, tão suaves que eram e estranhas que pareciam.

— Eu venho do interior, das montanhas, nunca tinha visto o mar antes – disse ele –, não sei nada sobre marés.

— Bem – disse ela –, ali está o verdadeiro amor delas.

Ela estava a olhar para trás dele. Ele virou-se e viu a lua minguante mesmo por cima do mar de névoa, exibindo apenas o seu lado mais escuro e cicatrizado. Ele olhou fixamente a lua, incapaz de dizer algo mais.

— Hadri – disse ela –, não fiques triste. É apenas a lua. Mas vem cá acima de novo quando te sentires triste. Gostei de falar contigo. Não há aqui ninguém com quem falar... Boa noite – murmurou ela.

Ela afastou-se dele, tomando o caminho, e desapareceu nas sombras.

Ele ficou um pouco mais a observar a névoa levantar-se e a lua a levantar-se; a neblina ganhara a lenta corrida tapando, por fim, a lua e tudo o resto numa penumbra

fria. Tremendo, mas já não tenso nem angustiado, tomou o caminho de volta até ao quarto de Suord e deslizou para a cama quente e larga. Enquanto se esticava na cama, preparando-se para dormir, pensou: “Não sei o nome dela”.

Suord acordou de mau humor. Insistiu para que Hadri saísse com ele de barco pelo canal para “verificar os diques dos canais laterais”, disse ele. Mas o que ele queria era apanhar Hadri sozinho num barco, onde este fosse não apenas inútil, mas também ficasse pouco à vontade e não pudesse fugir. Vaguearam à luz do sol ameno pelo espelhado canal lateral.

— Queres ir embora, não queres? – perguntou Suord, falando como se a frase fosse uma faca a cortar-lhe a língua enquanto a proferia.

— Não – disse Hadri sem saber se era verdade, mas incapaz de dizer outra palavra.

— Não te queres casar aqui.

— Não sei, Suord.

— O que queres dizer com isso de não saberes?

— Não acho que nenhuma das mulheres da Tarde se queira casar comigo – disse ele, tentando dizer a verdade –, sei que não querem. Querem que encontres alguém de cá. Sou um forasteiro.

— Elas não te conhecem – disse Suord numa delicadeza repentina e suplicante –, as pessoas de cá demoram a conhecer as outras pessoas. Vivemos há demasiado tempo no nosso Rochedo. Água do mar nas veias em vez de sangue. Mas hão de... hão de vir a conhecer-te se tu... se ficares...

Olhou para longe, por cima do lado do barco, e depois de um tempo disse, de forma quase inaudível:

— Se fores embora, posso ir contigo?

— Não me vou embora – disse Hadri.

Chegou-se a Suord e afagou-lhe os cabelos e o rosto e beijou-o. Sabia que Suord não poderia segui-lo, não conseguiria viver em Oket, no interior; não funcionaria, não iria dar. Mas isso significava que teria de ficar ali com Suord. Havia uma frieza entorpecente nele, por baixo do coração.

— Sasni e Dunn são germanas, – disse então Suord, parecendo ser ele mesmo outra vez, controlado, intenso –, são amantes desde os treze anos. Sasni casar-se-ia comigo se lhe pedisse, se ela puder ficar com a Dunn no casamento de Dia. Podemos fazer um *sedoretu* com elas, Hadri.

O entorpecimento impediu Hadri de reagir a isto por algum tempo; não sabia o que estava a sentir, o que estava a pensar. O que finalmente disse foi:

— Quem é a Dunn?

Havia nele uma vaga esperança de que fosse a mulher com quem falara no telhado na noite anterior – num mundo diferente, isso pareceria um reino de nevoeiro e escuridão e verdade.

— Tu conheces a Dunn.

— Ela acabou de voltar de algum sítio?

— Não – disse Suord, demasiado concentrado para se deixar baralhar pela estupidez de Hadri –. A germana de Sasni, filha de Lasadu, do Quarto *Sedoretu*. É baixa, muito magra, não fala muito.

— Não a conheço – disse Hadri, em desespero –, não as consigo distinguir, não falam comigo – e mordeu o lábio enquanto caminhava para a outra extremidade do barco com as mãos nos bolsos e os ombros encolhidos.

O humor de Suord mudara bastante; chapinou alegremente na água e na lama quando chegaram até à comporta, certificando-se de que os mecanismos estavam em ordem e depois conduziu o barco de volta para o grande canal com um bom vento a favor. Gritou para Hadri:

— Está na altura de testares as tuas pernas de marinheiro!

Levou o barco para oeste descendo o canal para o mar aberto. A luz do sol enevoadada, a brisa cheia de borrifos de água salgada, o medo das profundezas, o esforço de dirigir o barco sob as direções capazes de Suord, o triunfo de guiar o barco de volta para o canal ao pôr-do-sol, quando a luz, de um vermelho-dourado, se deita sobre a água e vastos bandos de pernilongos e pássaros dos pântanos se erguiam do pântano, gorjeando e voando à volta deles – acabou por ser um bom dia para Hadri, no fim de contas.

Mas a glória desapareceu assim que entrou para debaixo dos tetos de Meruo outra vez, para a escuridão dos corredores e os quartos baixos, largos e escuros, todos virados a oeste. Faziam as refeições com os Quarto e Quinto *Sedoretu*. Na quinta de Hadri teria havido uma boa dose de provocação se tivessem chegado mesmo em cima da hora de jantar, tendo estado fora o dia inteiro sem se fazer notar e sem fazer nada para ajudar no jantar. Aqui ninguém provocava ou brincava. Se havia ressentimento, permanecia escondido. Talvez não houvesse ressentimento, talvez todos se conhecessem tão bem uns aos outros e eram de tal forma um só que confiavam uns nos

outros como se confia nas próprias mãos, sem questionar. Até as crianças brincavam e brigavam menos do que Hadri estava habituado. A conversa, sentados à longa mesa era sempre sossegada, muitos nem diziam uma palavra.

Enquanto se servia, Hadri olhava à volta, entre eles, à procura da mulher da noite anterior. Teria de facto sido Esbui? Achava que não; a altura era semelhante, mas Esbui era muito magra e andava de cabeça bem erguida, algo arrogante. A mulher não estava ali. Talvez fosse do Primeiro *Sedoretu*. Qual destas mulheres seria Dunn?

Aquela, aquela pequena, com a Sasni; já se lembrava dela. Estava sempre com Sasni. Nunca havia falado com ela porque Sasni, de todos, era quem o havia posto de parte com mais ódio e Dunn era a sua sombra.

— Vá lá – disse Suord, e deu a volta à mesa para se sentar ao lado de Sasni, gesticulando para que Hadri se sentasse ao lado de Dunn. Ele assim fez. “Sou a sombra de Suord”, pensou.

— O Hadri diz que nunca falou contigo – disse Suord a Dunn.

A rapariga endireitou-se um pouco e murmurou alguma coisa sem significado. Hadri viu a cara de Sasni faiscar de raiva, e, ainda assim, havia nela um rasgo de sorriso desafiador, enquanto olhava diretamente para Suord. Eram muito parecidos. Estavam bem emparelhados.

Suord e Sasni falaram – sobre a pesca, sobre os diques – enquanto Hadri jantava. Estava esfomeado depois do dia na água. Dunn, tendo terminado a sua refeição, permaneceu sentada e não disse nada. Estas pessoas tinham a capacidade de permanecer nos mais perfeitos silêncio e imobilidade, como animais predadores ou aves marinhas. O jantar era peixe, claro; era sempre peixe. Meruo fora rica em tempos e a sua gente ainda se comportava como tal, mas tinha poucos meios para isso. Para dragar o grande canal gastavam cada vez mais os seus rendimentos a cada ano, à medida que o mar persistentemente recuava do delta. A sua frota de pesca era grande, mas os barcos eram velhos, muitas vezes reconstruídos. Hadri tinha perguntado por que não construíam barcos novos, já que possuíam um estaleiro naval que se avultava acima das docas secas; Suord explicou que o custo da madeira, por si só, era proibitivo. Tendo apenas a única plantação, peixe e moluscos, tinham de pagar toda a outra comida, roupas, lenha e até água. Os poços, por quilómetros à volta de Meruo, eram de sal. Um aqueduto ia até à vila piscatória vindo da vila nas montanhas.

Porém, bebiam a sua água cara em copos de prata e comiam o seu eterno peixe em tijelas de uma baixela de Edia, antiga e de um azul translúcido, que Hadri tinha sempre medo de partir quando lavava.

Sasni e Suord continuavam na conversa e Hadri sentiu-se estúpido e soturno, ali sentado sem dizer nada à rapariga que nada dizia.

— Fui hoje ao mar pela primeira vez – disse ele, sentindo o sangue a subir-lhe às faces.

Ela fez uma espécie de barulho, “hmm”, e ficou a olhar fixamente para a taça vazia.

— Posso trazer-te sopa? – perguntou Hadri.

Costumavam terminar a refeição com um caldo, caldo de peixe, claro.

— Não – disse ela sisuda.

— Na minha quinta – disse ele –, muitas vezes as pessoas trazem os pratos umas para as outras; é uma pequena forma de cortesia; desculpa se para ti é ofensivo.

Levantou-se e avançou para o aparador onde, de mãos trémulas, se serviu de uma tijela de sopa. Quando voltou, Suord estava a olhar para ele com um olhar especulativo e um ligeiro sorriso, que ele repudiou. Por quem o tomavam? Achavam que ele não tinha padrões, não tinha povo ou não tinha terra? Que se casem uns com os outros, ele não iria fazer parte disso. Engoliu a sopa, levantou-se sem esperar por Suord e foi para a cozinha, onde passou uma hora no turno de lavagem de louça para compensar ter faltado ao turno de preparação de refeições. Talvez eles não tivessem padrões em relação às coisas, mas ele tinha.

Suord esperava-o no quarto deles – o quarto de Suord –, Hadri não tinha ali um quarto para si. Isso, por si só, era insultuoso, não era natural. Numa casa decente dá-se sempre um quarto aos hóspedes.

O que quer que Suord dissesse – não conseguia lembra-se mais tarde do que fora – era uma faísca no rastilho.

— Não admito ser tratado desta maneira – gritou intensamente e Suord, disparando de uma vez, perguntou o que queria dizer com aquilo e chegaram ao limite, uma explosão de raiva, frustração e acusação que os deixou a olhar um para o outro, pálidos, chocados.

— Hadri – disse Suord, o nome num soluço; estava a tremer, todo o seu corpo tremia. Aproximaram-se, agarrando-se um ao outro. As mãos pequenas, ásperas e fortes

de Suord apertaram Hadri com força. O sabor da pele de Suord era salgado como o mar. Hadri afundou-se, afundou-se e foi afogado.

Mas, de manhã, estava tudo como sempre fora. Não se atreveu a pedir um quarto para si, sabendo que isso magoaria Suord. “Se eles fizerem este *sedoretu*, então pelo menos terei um quarto”, disse uma pequena voz indigna na sua cabeça. Mas estava errada, errada...

Procurou a mulher que havia conhecido no telhado e viu meia dúzia que poderiam ser ela, mas não tinha certeza se alguma delas seria realmente ela. Não olharia ela para ele, não falaria com ele? Não de dia, não à frente dos outros? Bem, ela é que fica a perder.

Ocorrerá-lhe apenas agora que não sabia se ela era uma mulher da Manhã ou da Tarde. Mas o que importava isso?

Nessa noite, o nevoeiro chegou. Acordando de repente, a meio da noite, viu pela janela apenas algo cinzento, sem forma, brilhando timidamente, numa luz difusa de uma janela, algures noutra ala da casa. Suord dormia, como sempre, estendido, como entulho a flutuar na praia à noite, completamente ausente e abandonado. Hadri observou-o com dolorosa ternura durante algum tempo. Depois levantou-se, vestiu-se e dirigiu-se ao corredor que leva às escadas para o telhado.

A neblina escondia até as partes mais altas do telhado. Nada era visível sobre o gradeamento. Teve de palpar o caminho tocando no gradeamento. O passadiço de madeira estava húmido e frio debaixo dos seus pés. Ainda assim, uma espécie de felicidade havia nascido dentro dele enquanto subia as escadas do sótão, e cresceu à medida que respirava o ar de nevoeiro e virava a esquina para o lado oeste da casa. Manteve-se quieto por um instante e depois falou, quase num sussurro.

— Estás aí? – disse ele.

Fez-se uma pausa, como na primeira vez que falara com ela, e depois ela respondeu, o riso escondido na voz:

— Sim, estou aqui. Estás aí?

No momento seguinte conseguiram ver-se, embora apenas como formas avolumando-se na neblina.

— Estou aqui – disse ele.

A sua felicidade era absurda. Deu um passo na direção dela para ver o seu cabelo escuro e a escuridão dos seus olhos na parte oval e mais clara do seu rosto.

— Queria falar contigo outra vez – disse ele.

— Queria falar contigo outra vez – disse ela.

— Não conseguia encontrar-te. Esperei que falasses comigo.

— Não lá em baixo – disse ela, tornando-se a sua voz leve e fria.

— Estás no Primeiro *Sedoretu*?

— Sim – disse ela –. A esposa da Manhã do Primeiro *Sedoretu* de Meruo. O meu nome é An'nad. Queria saber se ainda estás infeliz.

— Sim – disse ele –, não.

Tentou ver o rosto dela de forma mais clara, mas havia muito pouca luz.

— Por que é que falas comigo e eu posso falar contigo, mas não com mais ninguém nesta casa? – disse ele –. Por que é que só tu és simpática?

— É antipático... o Suord? – perguntou ela com alguma hesitação no nome.

— Ele não faz por ser. Nunca é. Só que... Ele arrasta-me, ele empurra-me, ele... ele é mais forte do que eu.

— Talvez não – disse An'nad –, talvez esteja mais habituado a ter tudo à sua maneira.

— Ou esteja mais apaixonado – disse Hadri num tom de voz baixo, com vergonha.

— Não estás apaixonado por ele?

— Oh, sim!

Ela riu.

— Nunca conheci ninguém como ele. Ele é mais do que... Os seus sentimentos são tão profundos, ele é... Estou em profundezas onde não tenho pé – disse Hadri a gaguejar –. Mas amo-o... MUITÍSSIMO.

— Então, o que há de errado?

— Ele quer-se casar – disse Hadri, e depois parou.

Estava a falar da casa dela, provavelmente da sua linhagem; como mulher do Primeiro *Sedoretu* ela fazia parte de toda a rede de relações de Meruo. No que é que ele se estava a meter?

— Com quem é que ele quer casar? – perguntou ela. Não te preocupes. Não vou interferir. O problema é não queres casar com ele?

— Não, não – disse Hadri –, é só que... nunca tive intenção de ficar por aqui, pensei que iria para casa... Casar-me com o Suord parece... mais do que, do que mereço... Mas seria fantástico, seria maravilhoso! Mas... O casamento em si, o

sedoretu, não está certo. Ele diz que Sasni casa com ele e Dunn casa comigo para que ela e Dunn possam ser casadas uma com a outra.

— Suord e Sasni – de novo aquela ligeira pausa no nome –, então não se amam?

— Não – disse ele um pouco hesitante, lembrando-se daquele desafio entre eles, como se uma faísca o atingisse.

— E tu e a Dunn?

— Nem sequer a conheço.

— Oh não, isso é desonesto – disse An’nad –. Uma pessoa deve escolher o amor, mas não dessa forma... De quem é esse plano? Deles os três?

— Acho que sim. O Suord e a Sasni falaram nisso. A rapariga, a Dunn, ela nunca diz nada.

— Fala com ela – disse a voz suave –, fala com ela, Hadri.

Ela estava a olhar para ele; estavam bastante perto um do outro, suficientemente perto para que ele sentisse o calor do braço dela no seu, embora não se tocassem.

— Preferia falar contigo – disse ele virando-se para a encarar.

Ela também se mexeu, parecendo crescer, de forma insubstancial, nesse pequeno movimento, o nevoeiro estava muito denso e escuro. Ela estendeu a mão, mas de novo, não chegou a tocar-lhe. Ele sabia que ela sorria.

— Então fica e fala comigo – disse ela, inclinando-se de novo no gradeamento.

— Conta-me... oh, conta-me qualquer coisa. O que fazes, tu e o Suord, quando não estão a fazer amor?

— Fomos velejar – disse ele, e deu por si a contar-lhe como havia sido para ele estar no mar alto pela primeira vez, o seu terror e alegria.

— Sabes nadar? – perguntou ela, e ele riu e disse:

— No lago, em casa, não é a mesma coisa –, e ela riu e disse:

— Não, imagino que não.

Falaram durante muito tempo e ele perguntou-lhe o que é que ela fazia:

— ...durante o dia. Ainda não te vi, lá em baixo.

— Não – disse ela –. O que faço? Oh, preocupo-me com Meruo, acho. Preocupo-me com os meus filhos... Não quero pensar nisso agora. Como é que conheceste o Suord?

Antes que acabassem de falar, a neblina começara a aligeirar-se, muito levemente, com o nascimento da lua. Havia ficado um frio penetrante. Hadri tremia.

— Vai lá – disse ela –, estou habituada. Vai lá para a cama.

— Há geada – disse ele –, olha – e tocou no gradeamento de madeira, prateado pela geada –. Também devias ir para baixo.

— E vou. Boa noite, Hadri.

Quando ele se virou, ela disse, ou ele pensou que ela disse:

— Vou esperar pela maré.

— Boa noite An'nad.

Disse o nome dela num tom rouco, afetuoso. Se ao menos as outras fossem como ela...

Deitou-se e esticou-se, perto do calor inerte e delicioso de Suord e adormeceu.

No dia seguinte, Suord tinha de trabalhar no escritório de registos onde Hadri estorvava e era completamente inútil. Hadri arriscou e, perguntando a várias mulheres carrancudas e mal-humoradas, conseguiu saber onde estava Dunn: na secagem do peixe. Desceu até as docas e encontrou-a por sorte, se era sorte, a almoçar sozinha à luz enevoadada do sol, na extremidade do cais.

— Quero falar contigo – disse ele.

— Para quê? – disse ela.

Ela não olhava para ele.

— Achas que é honesto casarmos com uma pessoa de quem nem sequer gostamos para nos podermos casar com a pessoa que amamos?

— Não – disse ela violentamente.

Continuou a olhar para baixo. Tentou dobrar o saco onde levava o almoço, mas as suas mãos tremiam de forma excessiva.

— Por que estás disposta a fazê-lo, então?

— Por que estás *tu* disposto a fazê-lo?

— Não estou – disse ele –, é o Suord. E a Sasni.

Ela acenou com a cabeça.

— Tu não?

Ela abanou a cabeça com violência. Ele apercebeu-se de que o seu rosto magro e escuro era muito jovem.

— Mas tu amas a Sasni – disse ele com um pouco de incerteza.

— Sim! Eu amo a Sasni! Sempre amei e sempre vou amar! Isso não quer dizer que eu, eu, eu tenha de fazer tudo o que ela diz, tudo o que ela quer, que eu tenha, que eu tenha – ela já estava a olhar para ele, diretamente para ele, o seu rosto a queimar como carvão, a sua voz a tremer e a quebrar –. Eu não *pertenço* à Sasni!

— Bem – disse ele –, eu também não pertencço ao Suord.

— Não sei nada sobre homens – disse Dunn, fitando-o ainda –, nem sobre as outras mulheres. Nem sobre nada. Nunca estive com ninguém para além da Sasni, toda a minha vida! Ela acha que me *possui*.

— Ela e o Suord são muito parecidos – disse Hadri, cauteloso.

Fez-se silêncio. Dunn, apesar de as lágrimas lhe jorrarem dos olhos da maneira mais infantil, não se dignou a enxugá-las. Sentou-se de costas direitas, cobriu-se da dignidade típica de mulher de Meruo e conseguiu dobrar o saco do almoço.

— Não sei muito sobre mulheres – disse Hadri. A sua dignidade era, talvez, mais simples –. Nem sobre homens. Sei que amo o Suord. Mas eu... Eu preciso de liberdade.

— Liberdade! – disse ela, e ele, ao princípio, pensou que ela estava a gozar com ele, porém, muito pelo contrário – desatou a chorar e pôs a cabeça entre os joelhos, soluçando alto:

— Também eu – gritou –, também eu.

Hadri pôs-lhe uma mão tímida no ombro.

— Não queria fazer-te chorar – disse –. Não chores Dunn. Olha. Se nós, se nós sentimos o mesmo, podemos arranjar uma solução. Não temos de nos casar. Podemos ser amigos.

Ela acenou com a cabeça, apesar de continuar a soluçar por algum tempo. Por fim, ergueu o seu rosto inchado e olhou para ele com os olhos luminosos, cobertos de água.

— Eu iria gostar de ter um amigo – disse ela –, nunca tive nenhum.

— Aqui só tenho uma outra pessoa: – disse ele, pensando em como estivera certa quando lhe dissera para falar com Dunn – An’nad.

Ela fitou-o.

— Quem?

— An’nad. A mulher da Manhã do Primeiro Sedoretu.

— O que queres dizer com isso? – não o disse com desdém, apenas muito surpreendida –. Essa é a Teheo.

— Então quem é An’nad?

— Ela era uma mulher da Manhã do Segundo Sedoretu há quatrocentos anos – disse a rapariga, os olhos ainda nos de Hadri, límpidos e confusos.

— Conta-me – disse ele.

— Ela afogou-se – aqui, no sopé do Rochedo. Estavam todos nas areias, o seu sedoretu, com as crianças. Foi quando as marés deixaram de vir tão longe, aqui a Meruo. Estavam todos no areal, a planejar o canal, e ela estava lá em cima, em casa. Viu uma tempestade vinda de oeste e que o vento poderia trazer uma das grandes marés. Correu lá abaixo para os avisar. E a maré veio mesmo, a toda a volta do Rochedo como era hábito. Mantiveram-se todos fora do seu alcance, exceto An’nad. Ela afogou-se.

Com tudo o que tinha em que pensar, em a An’nad e em Dunn, não pensou sequer por que razão respondera Dunn à sua pergunta não lhe fazendo nenhuma de volta.

Só muito tempo depois, meio ano depois, é que ele disse:

— Lembras-te de quando eu disse que havia conhecido An’nad, naquela primeira vez que falámos, no porto?

— Lembro-me – disse ela.

Estavam no quarto de Hadri, um quarto alto, bonito, com janelas viradas a leste, tradicionalmente ocupado por um membro do Oitavo Sedoretu. A luz do sol da manhã aquecia-lhes a cama e um vento leve vindo de terra com cheiro a natureza entrava pelas janelas.

— Não te pareceu estranho? – perguntou.

Tinha a cabeça pousada no ombro dela. Quando ela falou, ele sentiu a sua respiração quente no cabelo.

— Era tudo tão estranho nessa altura. Não sei. E de qualquer maneira, se ouviste a maré...

— A maré?

— Noites de inverno. Lá no alto da casa, nos sótãos. Consegue-se ouvir as marés a vir e a bater à volta do Rochedo e a correr para o interior, para as montanhas. Na verdadeira maré alta. Mas o mar está a milhas de distância.

Suord bateu, esperou que o mandassem entrar e entrou já vestido.

— Ainda estão na cama? Vamos à cidade ou não? – impôs-se ele, esplêndido no seu casaco branco de verão, imperioso –. A Sasni já está lá em baixo no pátio.

— Sim, sim, já nos estamos a levantar – disseram, enquanto se enroscavam ainda mais, em segredo.

— Já! – disse ele e saiu.

Hadri sentou-se mas Dunn puxou-o de novo para baixo.

— Viste-a? Falaste com ela?

— Duas vezes. Nunca mais lá voltei depois de me teres contado quem ela era.
Tive medo... Não dela. Apenas medo de que ela não estivesse lá.
— O que é que ela fez? – perguntou Dunn suavemente.
— Salvou-nos a todos morrermos afogados – disse Hadri.

Conclusão

Chego ao fim deste trabalho com um sentimento de satisfação e de realização pessoal. Foi um desafio bastante trabalhoso, que nunca pensei conseguir superar devido à falta de tempo. Contudo, penso que o objetivo foi cumprido.

O propósito desta dissertação era traduzir contos de Ursula Le Guin e descrever os desafios que encontraria e a forma como os ultrapassar. Quando escolhi estes textos estava longe de pensar em como seria exigente e difícil esta tarefa. Os maiores desafios prenderam-se com os neologismos e a pesquisa foi demorada e intensa. Tive de reescrever a tradução algumas vezes pois, ao longo do tempo, a minha perceção do texto foi mudando ou foram surgindo dados novos. Uma tradução, para ser bem feita, tem de ser bem compreendida pelo tradutor e, por isso, só uns dias antes de acabar esta dissertação é que a versão final das traduções ficou concluída.

Este trabalho não só contribuiu para a minha mudança de opinião em relação ao género de ficção científica como me mudou e fez evoluir enquanto tradutora. Fui obrigada a abrir horizontes e a conhecer novas perspetivas, o que foi um fator bastante enriquecedor.

A utilidade de muita da matéria que estudei na parte curricular do meu Curso de Mestrado em Tradução Literária, tornou-se evidente à medida que fui traduzindo os contos de Le Guin. Nos momentos mais difíceis, quando tive de tomar uma decisão sobre a estratégia a adotar, as teorias de Venuti, por exemplo, foram uma grande ajuda. Percebi, então, que a formação de um tradutor tem de começar sempre pela compreensão da teoria.

Espero que o leitor destes contos não se sinta dececionado e que a minha tradução aguçe a curiosidade e o gosto do leitor pelo género e, principalmente, pela escritora que aprendi a admirar.

Referências bibliográficas

Bibliografia Primária

LE GUIN, Ursula Kroeber – *The Left Hand of Darkness*, USA, Ace Books, 1976.

LE GUIN, Ursula Kroeber – *La Mano Izquierda de la Oscuridad*. Trad. Francisco Abelenda, Buenos Aires, Minotauro, 2002.

LE GUIN, Ursula Kroeber – *The Birthday of the World*, London, Harper Collins Publisher, 2002.

LE GUIN, Ursula Kroeber – *A Mão Esquerda das Trevas*. Trad. Fátima Andrade Lisboa, Editorial Presença, 2003.

LE GUIN, Ursula Kroeber – www.ursulakleguin.com (Site oficial da escritora, acessado pela última vez a 24 de setembro de 2014).

BASSNETT, Susan – *Translation Studies*, New York, Routledge, 2002.

BASTIANETTO, Patrizia Collina – *Reflexões Acerca de uma Composição de Modalidades Tradutórias para Vertes Neologismos: Literalidade com Criação Lexical*, 2002. www.revistas.usp.br/tradterm/article/viewFile/49126/53204 (acessado pela última vez em 24 de Setembro de 2014).

BERNARDO, Susan M. / MURPHY, Graham J. – *Ursula K. Le Guin: A Critical Companion*, USA, Greenwood Press, 2008.

Bíblia Sagrada. Imprimatur. Lisboa, 1993.

CADDEN, Mike – *Ursula Le Guin Beyond Genre – Fiction for Adults and Children*, New York and London, Routledge, 2005.

COX, Alissa – *Teaching the Short Story*, Great Britain, Palgrave Macmillan, 2011.

LEFEVERE, André – *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*, London, Routledge, 1992.

- MATEUS, Maria Helena Mira. et al. – *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Editorial Caminho, 2003.
- MAY, Charles E. – *The Short Story: The Reality of Artifice*, New York, Routledge, 2002.
- MUNDAY, Jeremy – *Introducing Translations Studies – Theories and Applications*, New York, Routledge, 2008.
- MUNDAY, Jeremy – *Translation Studies*, New York, Routledge, 2009.
- NEWMARK, Peter – *A Textbook of Translation*, New York, Longman, 1998.
- PYM, Anthony et.al. – *Beyond Descriptive Translation Studies – Investigations on homage to Gideon Toury*, Philadelphia, USA, John Benjamins Publishing Company, 2008.
- QUIRK, Randolph et al. – *A Grammar of Contemporary English*, Singapore, Longman, 1992.
- RUSSELL, Paul March – *The Short Story – An Introduction*, Great Britain, Edinburgh University Press, 2009.
- SCHMID, Hans – *New Words in the Mind: Concept-formation and Entrenchment of Neologisms*, University of Pittsburgh, 2008
- SEED, David – *A Companion to Science Fiction*, India, Blackwell Publishing, 2005.
- SOMERS, Harold – *Terminology, LSP and Translation – Studies in Language Engineering in honour of Juan C. Sager*, Philadelphia, John Benjamins Publishing, 1996.
- ŠTEKAUER, Pavol – *On the Theory of Neologisms and Nonce-Formations*, Australian Journal of Linguistics, London, 2002.
- VENUTI, Lawrence – *The Translator's Invisibility – A History of Translation*, Taylor & Francis e-Library, New York, 2004.
- VENUTI, Lawrence – *The Translations Studies Reader*, New York, Routledge, 2004.

VILELA, Mário – *Tradução e Análise Contrastiva: Teoria e Aplicação*, Lisboa, Caminho, 1994.

WEHMEIER, Sally et. al. – *Oxford Advanced Learner's Dictionary of Current English*, Oxford, University Press, 2005.

APÊNDICE

Glossário

Kemmerhouse / Casa de kemmer – Casa para onde os *gethenianos* vão durante o kemmer para terem relações sexuais.

Hearth / Clã-Lar – Casa com vários andares onde vivem juntas várias famílias como um Clã.

Clitopenis / Clitopénis – Zona do corpo onde, durante o kemmer, se desenvolve um pénis ou uma vagina.

Ekumen / Ecuménio – Antes chamado de “Liga dos Mundos”, é um consílio de vários mundos que têm como objetivo juntar-se e criar aproximações com outros planetas, mas que acaba por ser bastante dominante ao impor as suas regras.

Handdara – Religião praticada em Gethen.

Kemmer – Altura do mês em que um Getheniano se torna homem ou mulher.

Adept / Mestre – Espécie de sacerdote e mestre nas disciplinas da religião Handdara.

Moiety – Espécie de “raça”. Existem duas: Manhã e Tarde. As pessoas de cada uma consideram-se parentes entre si e manter uma relação seria cometer incesto. Assim, uma pessoa da Tarde só pode casar-se com uma pessoa da Manhã e vice-versa.

Untrance / Não-transe – Disciplina de Handdara que envolve entrar em transe.

Pesthry – Animal peludo caçado pela sua carne e pele, semelhante a um coelho.

Indweller / Praticante – Aprendiz ou praticante da religião Handdara que vive no Retiro.

Fastness / Retiro – Local longínquo e retirado para onde as pessoas se dirigem para meditar e praticar os ensinamentos Handdara, podendo ficar durante uns dias ou para sempre. É onde os Praticantes e os Mestres vivem.

Sedoretu – Casamento que implica quatro pessoas: um homem e uma mulher da Manhã com um homem e uma mulher da Tarde. São todos bissexuais.

Serem – Tipo de madeira.

Shifgrethor – Orgulho; Estatuto.

Somer – O facto de ser neutro, não ter género.

Thorharmen – Altura inicial do kemmer em que o corpo está numa fase de desenvolvimento do órgão genital, podendo, nesta altura, esse desenvolvimento ser influenciado por feromonas de outras pessoas. Se alguém que está no kemmer como homem se aproxima de alguém durante esta fase, é provável que o órgão genital se desenvolva para ser feminino e vice-versa.